

WANDER GARCIA • ANA PAULA GARCIA  
RENAN FLUMIAN  
COORDENADORES

# CONCURSOS DA DIPLOMACIA E CHANCELARIA

1ª FASE

**1.600** QUESTÕES  
COMENTADAS  
\*

- 623 Questões impressas
- 988 Questões on-line

## DISCIPLINAS:

Língua Portuguesa • Inglês •  
Política Internacional •  
História Mundial • História do  
Brasil • Geografia • Direito  
Internacional • Direito Interno •  
Economia • Informática  
(on-line) • Raciocínio Lógico  
(on-line) •  
Cultura Geral (on-line)

*Professores  
Altamente  
Especializados  
no Concurso de  
Admissão à Carreira  
Diplomática*

- \* Gabarito ao final de cada questão, facilitando o manuseio do livro
- \* Questões comentadas e altamente classificadas por autores especialistas em aprovação

10 ANOS EDITORA FOCO

COMO PASSAR

3ª  
Edição  
2018

EDITORA  
FOCO



Vídeos de dicas de  
TEMAS  
SELECIONADOS



ATUALIZAÇÃO  
GARANTIDA  
PDF ou Vídeo

Você está recebendo, **GRATUITAMENTE**, um fragmento da obra da **Editora Foco**, para dar início aos seus estudos.

Este conteúdo não deve ser divulgado, pois tem direitos reservados à editora, constituindo-se uma cortesia a título de motivação aos seus estudos.

Faz-se necessário evidenciar que tal fragmento não representa a totalidade de uma obra ou disciplina.

A obra, na sua totalidade, poderá ser adquirida no site da **Editora Foco**:

**[www.editorafoco.com.br](http://www.editorafoco.com.br)**

Bons estudos!

Editora Foco

2018 © Editora Foco

**Coordenadores:** Wander Garcia, Ana Paula Garcia e Renan Flumian

**Autores:** André Roncaglia de Carvalho, Anthony Rosenberg, Claudia Simionato, Eloy Gustavo de Souza, Felipe Ferreira Ramos, Fernanda Franco, Filipe Figueiredo, Guilherme Casarões, Leonardo Gill Correia Santos, Mark Hughes, Pedro Sloboda, Priscilla Negreiros, Rafael Merighi Valenciano, Renan Flumian, Rodrigo Armstrong, Rodrigo Goyena Soares, Teresa Melo, Thiago Rocha e Victor Soares Bursztyn

**Diretor Acadêmico:** Leonardo Pereira

**Editor:** Roberta Densa

**Revisora Sênior:** Georgia Renata Dias

**Revisora:** Luciana Pimenta

**Capa Criação:** Leonardo Hermano

**Diagramação:** Ladislau Lima

**Impressão miolo e capa:** Toque Digital

---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

---

C331c

Carvalho, André Roncaglia de

Como passar em concursos da diplomacia e chancelaria / André Roncaglia de Carvalho...[et al.] ; organizado por Ana Paula Dompieri Garcia, Renan Flumian, Wander Garcia. - 3. ed. - Indaiatuba, SP : Editora Foco, 2018.

424 p. ; 17cm x 24cm.

ISBN: 978-85-8242-311-0

1. Metodologia de estudo. 2. Concursos Públicos. 3. Diplomacia. 4. Chancelaria. I. Rosenberg, Anthony. II. Simionato, Claudia. III. Souza, Eloy Gustavo de. IV. Ramos, Felipe Ferreira. V. Franco, Fernanda. VI. Figueiredo, Filipe. VII. Casarões, Guilherme. VIII. Santos, Leonardo Gill Correia. IX. Hughes, Mark. X. Sloboda, Pedro. XI. Negreiros, Priscilla. XII. Valenciano, Rafael Merighi. XIII. Flumian, Renan. XIV. Armstrong, Rodrigo. XV. Soares, Rodrigo Goyena. XVI. Melo, Teresa. XVII. Rocha, Thiago. XVIII. Bursztyn, Victor Soares. XIX. Garcia, Ana Paula Dompieri. XX. Flumian, Renan. XXI. Garcia, Wander. XXII. Título.

2018-977

CDD 001.4

CDU 001.8

---

**Elaborado por Odilio Hilario Moreira Junior – CRB-8/9949**

**Índices para Catálogo Sistemático:**

1. Metodologia de estudo 001.4      2. Metodologia de estudo 001.8

**DIREITOS AUTORAIS:** É proibida a reprodução parcial ou total desta publicação, por qualquer forma ou meio, sem a prévia autorização da Editora FOCO, com exceção do teor das questões de concursos públicos que, por serem atos oficiais, não são protegidas como Direitos Autorais, na forma do Artigo 8º, IV, da Lei 9.610/1998. Referida vedação se estende às características gráficas da obra e sua editoração. A punição para a violação dos Direitos Autorais é crime previsto no Artigo 184 do Código Penal e as sanções civis às violações dos Direitos Autorais estão previstas nos Artigos 101 a 110 da Lei 9.610/1998. Os comentários das questões são de responsabilidade dos autores.

**NOTAS DA EDITORA:**

**Atualizações e erratas:** A presente obra é vendida como está, atualizada até a data do seu fechamento, informação que consta na página II do livro. Havendo a publicação de legislação de suma relevância, durante o ano da edição do livro, a editora, de forma discricionária, se empenhará em disponibilizar atualização futura.

**Bônus ou Capítulo On-line:** Excepcionalmente, algumas obras da editora trazem conteúdo no *on-line*, que é parte integrante do livro, cujo acesso será disponibilizado durante a vigência da edição da obra.

**Erratas:** A Editora se compromete a disponibilizar no site [www.editorafoco.com.br](http://www.editorafoco.com.br), na seção Atualizações, eventuais erratas por razões de erros técnicos ou de conteúdo. Solicitamos, outrossim, que o leitor faça a gentileza de colaborar com a perfeição da obra, comunicando eventual erro encontrado por meio de mensagem para [contato@editorafoco.com.br](mailto:contato@editorafoco.com.br). O acesso será disponibilizado durante a vigência da edição da obra.

Impresso no Brasil (07.2018) – Data de Fechamento (07.2018)



2018

Todos os direitos reservados à  
Editora Foco Jurídico Ltda.

Al. Júpiter 542 – American Park Distrito Industrial  
CEP 13347-653 – Indaiatuba – SP

E-mail: [contato@editorafoco.com.br](mailto:contato@editorafoco.com.br)  
[www.editorafoco.com.br](http://www.editorafoco.com.br)

Acesse **JÁ** os conteúdos *ON-LINE*



### **SHORT VIDEOS**

Vídeos de curta duração com dicas de  
DISCIPLINAS SELECIONADAS

Acesse o link:

[www.editorafoco.com.br/short-videos](http://www.editorafoco.com.br/short-videos)



**ATUALIZAÇÃO** em PDF e VÍDEO  
para complementar seus estudos\*

Acesse o link:

[www.editorafoco.com.br/atualizacao](http://www.editorafoco.com.br/atualizacao)



**CAPÍTULOS ON-LINE**

Acesse o link:

[www.editorafoco.com.br/atualizacao](http://www.editorafoco.com.br/atualizacao)

\* As atualizações em PDF e Vídeo serão disponibilizadas sempre que houver necessidade, em caso de nova lei ou decisão jurisprudencial relevante, durante o ano da edição do livro.

\* Acesso disponível durante a vigência desta edição.



# AUTORES

## SOBRE OS COORDENADORES

---

### Wander Garcia – @wander\_garcia

Doutor e Mestre em Direito pela PUC/SP. Professor e coordenador do IEDI. Procurador do Município de São Paulo

---

### Ana Paula Garcia

Pós-graduada em Direito. Procuradora do Estado de São Paulo. Autora de diversos livros para Concurso e OAB.

---

### Renan Flumian – @renanflumian

Professor e Coordenador Acadêmico do IEDI. Mestre em Filosofia do Direito pela *Universidad de Alicante*, cursou a *Session Annuelle D'enseignement* do *Institut International des Droits de L'Homme*, a Escola de Governo da USP e a Escola de Formação da Sociedade Brasileira de Direito Público. Autor e coordenador de diversas obras de preparação para Concursos Públicos e o Exame de Ordem. Advogado. (Twitter: @RenanFlumian)

## SOBRE OS AUTORES

---

### André Roncaglia de Carvalho

Doutor e mestre em Ciência Política pela Universidade de São Paulo e mestre em Relações Internacionais pela Universidade Estadual de Campinas (Programa San Tiago Dantas). É professor na Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV EAESP) e prepara candidatos para o Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata desde 2010. Publica sobre política externa brasileira e política internacional em periódicos acadêmicos e veículos de imprensa, além de ser coautor do livro "A Organização das Nações Unidas" (Ed. Del Rey, 2006). Foi pesquisador visitante da Universidade de Tel Aviv e da Universidade Brandeis, nos EUA.

---

### Anthony Rosenberg

Professor de redação Inglês e no Curso Avançado Inglês no Curso Clio, Preparatório para a prova do Instituto Rio Branco, Inglês Jurídico da FGV/SP no curso de Direito (graduação). Assessor do Presidente do BNDES na função de tradutor e revisor. Bacharel em Letras, com Habilitação em Tradução e Interpretação (UNIBERO) e mestre em língua inglesa, Linguística e Literatura (USP/SP)

---

### Claudia Simionato

Formada em Letras Português-Espanhol pela USP, ministra aulas de Português e Redação em cursinhos preparatórios para o concurso de admissão à carreira diplomática desde 2003.

---

### Eloy Gustavo de Souza

Graduado em Letras pela Universidade de São Paulo – FFLCH-USP. Professor de Língua Portuguesa do Curso Clio, curso preparatório para a prova do Instituto Rio Branco, e do Curso Anglo.

---

### Felipe Ferreira Ramos

Cientista Social pela Universidade de Brasília. Pesquisador com atuação no Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada e na Organização Internacional do Trabalho.

---

### Fernanda Franco

Graduada em Letras pela Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) com habilitação em Português e Linguística. Graduanda em Filosofia também pela USP. Professora de Língua Portuguesa no Colégio São Luís em São Paulo.

---

### Filipe Figueiredo

Formado em História pela Universidade de São Paulo. É idealizador do site Xadrez Verbal, sobre História e política internacional. Roteiriza e narra os episódios de História do canal Nerdologia no YouTube. Escreve para jornais e portais. Leciona para o CACD desde 2015.

---

### Guilherme Casarões

Doutor e mestre em Ciência Política pela Universidade de São Paulo e mestre em Relações Internacionais pela Universidade Estadual de Campinas (Programa San Tiago Dantas). É professor na Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas (FGV EAESP) e prepara candidatos para o Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata desde 2010. Publica sobre política externa brasileira e política internacional em periódicos acadêmicos e veículos de imprensa, além de ser coautor do livro "A Organização das Nações Unidas" (Ed. Del Rey, 2006). Foi pesquisador visitante da Universidade de Tel Aviv e da Universidade Brandeis, nos EUA.

---

### Leonardo Gill Correia Santos

Cientista político, graduado no Instituto de Estudos Políticos de Paris (Sciences Po), com especialização em segurança internacional. Cursou relações internacionais e ciência política na Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), em Buenos Aires. Atualmente é doutorando em ciência política pela Universidade Federal de Pernambuco, onde também possui mestrado.

---

**Mark Hughes**

Professor de Redação Inglês e no Curso Avançado Inglês no Curso Clio, Preparatório para a prova do Instituto Rio Branco, Bacharel pela Glasgow Caledonian University e Mestre pela University of Strathclyde.

---

**Pedro Sloboda**

Diplomata de carreira e professor de Direito Internacional do Instituto de Desenvolvimento e Estudos de Governo (IDEG). Doutorando em Direito Internacional pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Direito Internacional pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Especialista em Direito Internacional pelo Centro de Direito Internacional (CEDIN). Bacharel em Direito pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Foi professor de Direito Internacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

---

**Priscilla Negreiros**

Mestre em Administração Pública Internacional Instituto de Estudos Políticos de Paris (Sciences Po Paris) com especialização em Direito Internacional e Administração Pública. Graduada em Relações Internacionais pela PUC/SP e em Ciências Políticas pelo Instituto de Estudos Políticos de Paris (Sciences Po Paris), com especialização em América Latina, Espanha e Portugal. Possui experiência profissional com comércio e desenvolvimento internacional.

---

**Rafael Merighi Valenciano**

Aprovado nos concursos para Agente de Tributos Estaduais (SEFAZ-MT-2008) e Agente Fiscal de Rendas do Estado de São Paulo desde 2010. Formado em Direito pela Universidade Estadual do Norte do Paraná - UENP. Pós-graduado em Direito Tributário pela Universidade Estadual de Londrina - UEL.

---

**Renan Flumian**

Mestre em Filosofia do Direito pela Universidad de Alicante. Cursos a Session Annuelle D'enseignement do Institut International des Droits de L'Homme, a Escola de Governo da USP e a Escola de Formação da Sociedade Brasileira de Direito Público. Professor e Coordenador Acadêmico do IEDI. Autor e coordenador de diversas obras de preparação para Concursos Públicos e o Exame de Ordem. Advogado.

---

**Rodrigo Armstrong**

Graduado em Relações Internacionais pela Tufts University (Estados Unidos) e Mestre em Economia Política Internacional pela Universidade Federal do Rio de

Janeiro (UFRJ). É ex-Assessor de Relações Internacionais do Prefeito do Rio de Janeiro, professor de Língua Inglesa para o Concurso de Admissão à Carreira Diplomática e professor de Economia Política Internacional na Pós-Graduação em Relações Internacionais, ambos nas Carreiras Internacionais do Damásio Educacional.

---

**Rodrigo Goyena Soares**

Doutor em História Social pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Foi pesquisador visitante no Departamento de História da New York University. Possui mestrado em História Social pela UNIRIO e em Relações Internacionais pelo Institut d'Études Politiques de Paris (SciencesPo.). Graduiu-se em Ciências Políticas pela SciencesPo. Seus principais campos de estudo são História do Brasil Imperial, História das classes sociais no Brasil e História da Política Externa Brasileira. Atualmente, pesquisa o retorno dos veteranos da Guerra do Paraguai e a queda do Império, no âmbito de pós-doutorado na Universidade de São Paulo (USP).

---

**Teresa Melo**

Procuradora Federal. Mestranda em Direito Público pela UERJ. Assessora de Ministro do Supremo Tribunal Federal. Ex-assessora de Ministro do STJ.

---

**Thiago Rocha**

Bacharel (IGEO/UFRJ), mestre (PPGG/UFRJ) e Doutor (PPGG/UFRJ - Université de La Rochelle/França) em geografia, com experiência docente compreendendo desde o ensino escolar até o nível superior (UERJ), além da preparação para concursos públicos. Há mais de dez anos dedica-se à preparação de candidatos para o Concurso de Acesso à Carreira Diplomática.

---

**Victor Soares Bursztyrn**

Pesquisador no Centro de P&D em Big Data da EMC (EMC - BRDC), onde participa de quatro submissões de patentes ao escritório de patentes dos EUA (USPTO), sendo o primeiro inventor em duas. É aluno de M.Sc. na COPPE, onde realiza pesquisas para e-Science, com foco na integração de bases de conhecimento a sistemas para execução de workflows. Engenheiro de Computação e Informação pela UFRJ, tem três anos de experiência em P&D nas áreas de Ciência de Redes, Mineração de Textos e Clustering (COPPE), além de Recomendação Personalizada de Notícias (Globo.com). Foi Diretor de Produtos na startup Nutrebem, após R\$ 2,3 milhões investidos por um fundo de capital de risco. É autor de produtos digitais com cobertura da mídia (por exemplo, O Globo em Julho de 2016 -- <http://glo.bo/29qyUP7>).

# SUMÁRIO

<b>AUTORES</b>	<b>V</b>
SOBRE OS COORDENADORES.....	V
SOBRE OS AUTORES .....	V
<b>COMO USAR O LIVRO?</b>	<b>XI</b>
<b>PREFÁCIO</b>	<b>XIII</b>
<b>01. LÍNGUA PORTUGUESA</b> 	<b>1</b>
<b>02. INGLÊS</b> 	<b>83</b>
<b>03. POLÍTICA INTERNACIONAL</b> 	<b>133</b>
1. RELAÇÕES INTERNACIONAIS: CONCEITOS BÁSICOS, ATORES, PROCESSOS, INSTITUIÇÕES E PRINCIPAIS PARADIGMAS TEÓRICOS. ....	133
2. A POLÍTICA EXTERNA BRASILEIRA: EVOLUÇÃO DESDE 1945, PRINCIPAIS VERTENTES E LINHAS DE AÇÃO.....	139
3. O BRASIL E A AMÉRICA DO SUL.....	144
4. A POLÍTICA EXTERNA ARGENTINA; A ARGENTINA E O BRASIL.....	155
5. A POLÍTICA EXTERNA NORTE-AMERICANA E RELAÇÕES COM O BRASIL.....	157
6. RELAÇÕES DO BRASIL COM OS DEMAIS PAÍSES DO HEMISFÉRIO .....	162
7. A POLÍTICA EXTERNA FRANCESA E RELAÇÕES COM O BRASIL.....	162
8. A POLÍTICA EXTERNA INGLESA E RELAÇÕES COM O BRASIL.....	163
9. POLÍTICA EXTERNA ALEMÃ E RELAÇÕES COM O BRASIL.....	164
10. A UNIÃO EUROPEIA E O BRASIL.....	165
11. POLÍTICA EXTERNA RUSSA E RELAÇÕES COM O BRASIL.....	167
12. A ÁFRICA E O BRASIL.....	168
13. A POLÍTICA EXTERNA DA CHINA, DA ÍNDIA E DO JAPÃO; RELAÇÕES COM O BRASIL .....	169
14. ORIENTE MÉDIO: A QUESTÃO PALESTINA; SÍRIA, IRAQUE; IRÃ .....	175
15. A COMUNIDADE DOS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA.....	179
16. A AGENDA INTERNACIONAL E O BRASIL.....	180

17. O BRASIL E A FORMAÇÃO DOS BLOCOS ECONÔMICOS .....	194
18. A DIMENSÃO DA SEGURANÇA NA POLÍTICA EXTERIOR DO BRASIL.....	195
19. O BRASIL E AS COALIZÕES INTERNACIONAIS: O G-20, O IBAS E O BRIC .....	197
20. O BRASIL E A COOPERAÇÃO SUL-SUL.....	201
21. QUESTÕES COMBINADAS.....	202

#### 04. HISTÓRIA MUNDIAL 207

1. ESTRUTURAS E IDEIAS ECONÔMICAS.....	207
2. REVOLUÇÕES.....	215
3. AS RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	223
4. COLONIALISMO, IMPERIALISMO, POLÍTICAS DE DOMINAÇÃO .....	241
5. A EVOLUÇÃO POLÍTICA E ECONÔMICA NAS AMÉRICAS .....	247
6. IDEIAS E REGIMES POLÍTICOS .....	252
7. A VIDA CULTURAL.....	256

#### 05. HISTÓRIA DO BRASIL 261

1. O PERÍODO COLONIAL .....	261
2. O PROCESSO DE INDEPENDÊNCIA .....	265
3. O PRIMEIRO REINADO (1822-1831) .....	272
4. A REGÊNCIA (1831-1840).....	274
5. O SEGUNDO REINADO (1840-1889) .....	277
6. A PRIMEIRA REPÚBLICA (1889- 1930) .....	282
7. A ERA VARGAS (1930-1945).....	289
8. A REPÚBLICA LIBERAL (1945-1964) .....	298
9. O REGIME MILITAR (1964-1985) .....	304
10. O PROCESSO DEMOCRÁTICO A PARTIR DE 1985.....	311

#### 06. GEOGRAFIA 313

1. HISTÓRIA DA GEOGRAFIA.....	313
2. A GEOGRAFIA DA POPULAÇÃO .....	315
3. GEOGRAFIA ECONÔMICA.....	319
4. GEOGRAFIA AGRÁRIA.....	323
5. GEOGRAFIA URBANA.....	327
6. GEOGRAFIA POLÍTICA.....	330
7. GEOGRAFIA E GESTÃO AMBIENTAL.....	334

<b>07. DIREITO INTERNACIONAL</b>	<a href="#">www.ck</a>	<b>339</b>
1. DIP E DIREITO INTERNO.....		339
2. FONTES DO DIP.....		340
3. SUJEITOS DO DIP.....		343
4. SOLUÇÃO PACÍFICA DE CONTROVÉRSIAS INTERNACIONAIS.....		348
5. DIREITO INTERNACIONAL DOS DIREITOS HUMANOS .....		353
6. DIREITO DA INTEGRAÇÃO.....		358
7. DIREITO DO COMÉRCIO INTERNACIONAL.....		359
8. COOPERAÇÃO JURÍDICA INTERNACIONAL EM MATÉRIA PENAL.....		361
9. COMBINADAS E OUTROS TEMAS.....		362
<b>08. DIREITO INTERNO</b>	<a href="#">www.ck</a>	<b>365</b>
1. DIREITO CONSTITUCIONAL.....		365
2. DIREITO ADMINISTRATIVO.....		374
3. DIREITO FINANCEIRO.....		376
4. COMBINADAS E OUTROS TEMAS.....		377
<b>09. ECONOMIA</b>	<a href="#">www.ck</a>	<b>379</b>
1. MICROECONOMIA .....		379
2. MACROECONOMIA.....		384
3. ECONOMIA INTERNACIONAL.....		391
4. HISTÓRIA ECONÔMICA DO BRASIL.....		400
5. ECONOMIA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA.....		404
6. MATEMÁTICA FINANCEIRA.....		405
7. TÓPICOS DE CONTABILIDADE .....		407

## DISCIPLINAS ON-LINE

<b>10. INFORMÁTICA</b>	<b>423</b>
<b>11. RACIOCÍNIO LÓGICO</b>	<b>433</b>
<b>12. CULTURA GERAL</b>	<b>441</b>



## COMO USAR O LIVRO?

Para que você consiga um ótimo aproveitamento deste livro, atente para as seguintes orientações:

1º Tenha em mãos um **vademecum** ou um **computador** no qual você possa acessar os textos de lei citados.

Neste ponto, recomendamos o **Vade Mecum de Legislação FOCO** – confira em [www.editorafoco.com.br](http://www.editorafoco.com.br).

2º Se você estiver estudando a teoria (fazendo um curso preparatório ou lendo resumos, livros ou apostilas), faça as questões correspondentes deste livro na medida em que for avançando no estudo da parte teórica.

3º Se você já avançou bem no estudo da teoria, leia cada capítulo deste livro até o final, e só passe para o novo capítulo quando acabar o anterior; vai mais uma dica: alterne capítulos de acordo com suas preferências; leia um capítulo de uma disciplina que você gosta e, depois, de uma que você não gosta ou não sabe muito, e assim sucessivamente.

4º Iniciada a resolução das questões, tome o cuidado de ler cada uma delas **sem olhar para o gabarito e para os comentários**; se a curiosidade for muito grande e você não conseguir controlar os olhos, tampe os comentários e os gabaritos com uma régua ou um papel; na primeira tentativa, é fundamental que resolva a questão sozinho; só assim você vai identificar suas deficiências e “pegar o jeito” de resolver as questões; marque com um lápis a resposta que entender correta, e só depois olhe o gabarito e os comentários.

5º **Leia com muita atenção o enunciado das questões.** Ele deve ser lido, no mínimo, duas vezes. Da segunda leitura em diante, começam a aparecer os detalhes, os pontos que não percebemos na primeira leitura.

6º **Grife as palavras-chave, as afirmações e a pergunta formulada.** Ao grifar as palavras importantes e as afirmações você fixará mais os pontos-chave e não se perderá no enunciado como um todo. Tenha atenção especial com as palavras “correto”, “incorreto”, “certo”, “errado”, “prescindível” e “imprescindível”.

7º Leia os comentários e **leia também cada dispositivo legal** neles mencionados; não tenha preguiça; abra o *vademecum* e leia os textos de leis citados, tanto os que explicam as alternativas corretas, como os que explicam o porquê de ser incorreta dada alternativa; você tem que conhecer bem a letra da lei, já que mais de 90% das respostas estão nela; mesmo que você já tenha entendido determinada questão, reforce sua memória e leia o texto legal indicado nos comentários.

8º Leia também os **textos legais que estão em volta** do dispositivo; por exemplo, se aparecer, em Direito Penal, uma questão cujo comentário remete ao dispositivo que trata de falsidade ideológica, aproveite para ler também os dispositivos que tratam dos outros crimes de falsidade; outro exemplo: se aparecer uma questão, em Direito Constitucional, que trate da composição do Conselho Nacional de Justiça, leia também as outras regras que regulamentam esse conselho.

9º Depois de resolver sozinho a questão e de ler cada comentário, você deve fazer uma **anotação ao lado da questão**, deixando claro o motivo de eventual erro que você tenha cometido; conheça os motivos mais comuns de erros na resolução das questões:

DL – “desconhecimento da lei”; quando a questão puder ser resolvida apenas com o conhecimento do texto de lei;

DD – “desconhecimento da doutrina”; quando a questão só puder ser resolvida com o conhecimento da doutrina;

DJ – “desconhecimento da jurisprudência”; quando a questão só puder ser resolvida com o conhecimento da jurisprudência;

FA – “falta de atenção”; quando você tiver errado a questão por não ter lido com cuidado o enunciado e as alternativas;

NUT - “não uso das técnicas”; quando você tiver se esquecido de usar as técnicas de resolução de questões objetivas, tais como as da **repetição de elementos** (“quanto mais elementos repetidos existirem, maior a chance de a alternativa ser correta”), das **afirmações generalizantes** (“afirmações generalizantes tendem a ser incorretas” - reconhece-se afirmações generalizantes pelas palavras *sempre, nunca, qualquer, absolutamente, apenas, só, somente exclusivamente* etc.), dos **conceitos compridos** (“os conceitos de maior extensão tendem a ser corretos”), entre outras.

**obs:** se você tiver interesse em fazer um Curso de “Técnicas de Resolução de Questões Objetivas”, recomendamos o curso criado a esse respeito pelo IEDI Cursos On-line: [www.iedi.com.br](http://www.iedi.com.br).

10º Confie no **bom-senso**. Normalmente, a resposta correta é a que tem mais a ver com o bom-senso e com a ética. Não ache que todas as perguntas contêm uma pegadinha. Se aparecer um instituto que você não conhece, repare bem no seu nome e tente imaginar o seu significado.

11º Faça um levantamento do **percentual de acertos de cada disciplina** e dos **principais motivos que levaram aos erros cometidos**; de posse da primeira informação, verifique quais disciplinas merecem um reforço no estudo; e de posse da segunda informação, fique atento aos erros que você mais comete, para que eles não se repitam.

12º Uma semana antes da prova, faça uma **leitura dinâmica** de todas as anotações que você fez e leia de novo os dispositivos legais (e seu entorno) das questões em que você marcar “DL”, ou seja, desconhecimento da lei.

13º Para que você consiga ler o livro inteiro, faça um bom **planejamento**. Por exemplo, se você tiver 30 dias para ler a obra, divida o número de páginas do livro pelo número de dias que você tem, e cumpra, diariamente, o número de páginas necessárias para chegar até o fim. Se tiver sono ou preguiça, levante um pouco, beba água, masque chiclete ou leia em voz alta por algum tempo.

14º Desejo a você, também, muita **energia, disposição, foco, organização, disciplina, perseverança, amor e ética!**

**Wander Garcia, Ana Paula Garcia e Renan Flumian**

*Coordenadores*

## PREFÁCIO

Informar, negociar, representar. As três funções clássicas da diplomacia, a que muitos aspiram como exercício profissional. Este livro tem como objetivo servir de aporte bibliográfico especializado aos que ora se preparam para exercer essas funções na carreira diplomática. Não é simples encontrar material especializado para um concurso tão complexo. O Concurso de Admissão à Carreira de Diplomata é provavelmente o mais específico do país, e dificilmente, as referências utilizadas em outros concursos poderiam ser empregadas integralmente na preparação para a diplomacia. A jurisprudência da famigerada “Banca Cespe” não é exatamente a mesma da “Banca CACD”.

Mas o amigo Renan Flumian, a quem agradeço o convite para assinar em coautoria o capítulo de direito internacional, conseguiu reunir, nesta obra, alguns dos profissionais mais experientes em suas respectivas áreas, e que melhor conhecem o concurso. O livro apresenta, a um só tempo, profundidade acadêmica e rigor analítico aplicado à prova de admissão à diplomacia. Estou seguro de que o leitor encontrará, nas páginas deste livro, valioso aporte especializado para seus estudos.

Os caminhos que levam às cadeiras do Instituto Rio Branco são muitas vezes árduos, demorados e solitários. As novas gerações de diplomatas enfrentaram, com raras exceções, os dessabores da reprovação. E todos lidaram, de uma forma ou de outra, com as dificuldades da preparação; com a necessidade de conciliar estudo e trabalho; estudo e família; estudo e vida pessoal – porque os companheiros, as companheiras, os pais e os amigos, no mais das vezes se preparam junto com o candidato. Cada um à sua maneira, cada um com sua história de vida, com seus dramas pessoais, enfrenta os desafios dos estudos.

Determinação. Palavra-chave para os que ora se preparam. Não pensem que será fácil ou necessariamente rápido. Mas tampouco pensem que é impossível ou que está fora de seu alcance. Brillantismo intelectual nunca foi requisito indispensável para a aprovação. Determinação e foco sim. Uma vez que você tenha um objetivo, persiga-o até que você o alcance.

Com foco e constância de esforço, o leitor chegará à aprovação; e haverá de perceber que o caminho terá sido árduo, mas também terá sido agradável. Amizades que durarão uma vida, e por vezes relacionamentos, terão sido construídos durante a preparação. Uma experiência profissional, de grande valia no Ministério, terá sido adquirida. Mestrados terão sido defendidos; filhos terão nascidos; e, cada um à sua maneira, cada um em seu sotaque, comemorará a aprovação.

Ao fim, será apenas o começo.

O ingresso na carreira, o início das atividades na Secretaria de Estado, em Brasília, o exercício das funções no exterior e as décadas de atividade diplomática pela frente fazem os anos de preparação parecerem uma breve etapa. Árdua, mas gratificante. Fundamentalmente, o início das atividades diplomáticas traz a convicção de que valeu a pena. E de que a chave era, de fato, a determinação.

Com a certeza de que o esforço de vocês valerá a pena, e com o desejo de encontrá-los em breve, desejo a todos boa leitura e bons estudos.

**Pedro Sloboda**

*Diplomata e Professor de Direito Internacional.*



# 01. LÍNGUA PORTUGUESA

Claudia Simionato, Eloy Gustavo de Souza e Fernanda Franco\*

- 1 O ano de 1881 foi dos mais significativos e importantes para a ficção no Brasil, pois que nele se publicaram as Memórias Póstumas de Brás Cubas, 4 de Machado de Assis (saídas na Revista Brasileira, no ano anterior) e O Mulato, de Aluísio Azevedo. Com estes livros se encerrava a indecisão da década de setenta, e tomavam 7 corpo duas das tendências nela delineadas, a da análise, prenunciada nos primeiros trabalhos do próprio Machado de Assis, e a naturalista, prefigurada principalmente pelo 10 Coronel Sangrado, de Inglês de Sousa, e por Um Casamento no Arrabalde, de Franklin Távora. A terceira, a regionalista, só um pouco depois ganharia feição mais nítida.
- 13 No momento, impressionou muito mais a novidade do Mulato — sob muitos aspectos ainda tão preso às 16 deformações românticas — do que a do Brás Cubas, muito mais completa e audaciosa. É que aquele não só trazia um rótulo em moda, como, parecendo revolucionário e de fato o sendo pelo tema, continuava a velha linha nacional 19 de romances que encontravam na descrição de costumes o seu centro de gravidade; foi por isso mais facilmente entendido e admirado. Pelos livros de Zola e Eça de Queirós, estavam 22 o meio intelectual e o público que lia preparados para receber afinal uma obra naturalista brasileira, que na verdade se fazia esperar, ao passo que nada os habituara de antemão à nova 25 maneira de Machado de Assis, já que nenhum crítico vislumbrara as sondagens psicológicas escondidas sob os casos sentimentais que até então de preferência contara. Toda a gente 28 se deslumbrou — ou se escandalizou — com O Mulato, sem perceber que o espírito de inovação e de rebeldia estava mais nas Memórias Póstumas de Brás Cubas.
- 31 Aqui, ousadamente, varriam-se de um golpe o sentimentalismo, o moralismo superficial, a fictícia unidade da pessoa humana, as frases piegas, o receio de chocar preconceitos, a concepção 34 do predomínio do amor sobre todas as outras paixões; afirmava-se a possibilidade de construir um grande livro sem recorrer à natureza, desdenhava-se a cor local, colocava-se um 37 autor pela primeira vez dentro das personagens; surgiam afinal homens e mulheres, e não brasileiros, ou gaúchos, ou nortistas, e — last but not least — patenteava-se a influência inglesa em 40 lugar da francesa, introduzia-se entre nós o humorismo. A independência literária, que tanto se buscara,

\* Claudia Simionato (comentou 2013, 14, 15, 16 e 17) e Eloy Gustavo (comentou 2010, 11 e 12).

só com este livro foi selada. Independência que não significa,  
43 nem poderia significar, autossuficiência, e sim o estado  
de maturidade intelectual e social que permite a liberdade  
de concepção e expressão. Criando personagens e ambientes  
46 brasileiros — bem brasileiros —, Machado não se julgou  
obrigado a fazê-los pitorescamente típicos, porque a  
consciência da nacionalidade, já sendo nele total, não carecia  
49 de elementos decorativos. Aquilo que reputava indispensável  
ao escritor, “certo sentimento íntimo que o torne homem do seu  
tempo e do seu país, ainda quando trate de assuntos remotos  
52 no tempo e no espaço”, ele o possuiu inteiramente, com  
uma posse tranquila e pacífica. E por isso pôde — o primeiro  
entre nós — ser universal sem deixar de ser brasileiro.  
55 Todas essas qualidades, das quais algumas já se  
havam delineado nos livros anteriores do seu autor, fizeram  
das Memórias Póstumas de Brás Cubas um acontecimento  
58 literário de imenso alcance. Tanto no presente como no  
passado alterava o nosso panorama literário, porque exigia a  
revisão de valores que, segundo T. S. Eliot, se dá cada vez  
61 que surge uma obra realmente nova. Aplicando ao restrito  
patrimônio das letras brasileiras a fórmula empregada um  
plano muito mais vasto pelo crítico inglês, podemos dizer  
64 que o aparecimento do Brás Cubas modificou a ordem  
estabelecida. (...)

Descontada a parte do coeficiente pessoal — sem  
67 dúvida a mais importante — a obra de Machado de Assis  
revela que já possuíamos, no fim do Segundo Reinado,  
um organismo social melhor definido do que faria supor  
70 a confusão reinante nos domínios literários entre o indivíduo  
e o meio físico ou o clã a que pertencia. (...) Abandonando  
os episódios sentimentais a que até esse momento mais ou  
73 menos se ativera, instalando-se no íntimo de suas criaturas,  
Machado de Assis descobriu seres cujas reações  
especificamente brasileiras não contrariavam o caráter mais  
76 larga e profundamente humano.

E, entretanto — tais são os erros de perspectiva  
dos contemporâneos —, o que a todos pareceu novidade  
79 completa foi *O Mulato*, que inaugurava muito mais uma  
maneira literária do que um ângulo de visão diferente.  
O movimento naturalista a que deu início empolgaria os  
82 escritores, marcaria com o seu sinete não apenas o decênio  
que começava, mas também em boa parte o que se lhe seguiria,  
enquanto que, na época, só Raul Pompéia se deixaria seduzir  
85 pelas análises praticadas no Brás Cubas. Havia, porém,  
nesses dois livros de índole tão diversa, um traço comum:  
em ambos triunfava a observação.

## QUESTÃO 1

(Diplomacia – 2017 – CESPE) Com base nas ideias expressas no texto I, julgue (C ou E) os itens a seguir.

- (1) Embora seja um objeto importante nos dois romances mencionados — *O Mulato* e *Memórias Póstumas de Brás Cubas* —, o “sinete” (l. 82) mostra-se fundamental no romance de Aluísio Azevedo, de feição naturalista.
- (2) Segundo a autora do texto, o elemento de escândalo social intrínseco à temática de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* não foi compreendido pelo meio intelectual, nem pelo público, no momento da publicação do romance na *Revista Brasileira*, em 1880, tampouco em seu lançamento em formato de livro, em 1881.
- (3) A autora argumenta, no texto, que o romance de Machado de Assis é representante de uma tendência analítica em literatura, ao passo que *O Mulato* demonstra tendência descritiva, tendo alcançado, na época de sua publicação, maior popularidade que *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.
- (4) É possível concluir do texto que, tal como aconteceu em 1822 no plano político, a “independência literária” (l. 41) de 1881 caracterizou-se como um movimento de “liberdade de concepção e expressão” (l. 44 e 45), uma vez que tanto *O Mulato* quanto *Memórias Póstumas de Brás Cubas* expressaram o afastamento de seus autores da submissão intelectual a escritores estrangeiros, como Zola e Eça de Queirós.

**1: Errado.** Sinete não é um “objeto” (ler objeto aqui como *assunto*) nos dois romances, uma vez que sinete significa *estilo, marca*. Além disso, a afirmação no texto de Lúcia Miguel Pereira é a respeito do movimento naturalista, iniciado no Brasil com O Mulato: o estilo do movimento naturalista influenciaria o decênio que começava. A oração da l. 82 afirma a influência do estilo Naturalismo na época, e apenas;

**2: Errado.** O romance que scandalizou foi O Mulato. O que o texto justamente afirma é que Memórias Póstumas de Brás Cubas, na época de seu lançamento, passou despercebido. (l. 28); **3: Certo.** O escrito resume sem equívocos a tese principal do texto. O Mulato segue a tendência de descrição de costumes e ganha reconhecimento por seguir “a velha linha nacional de romances” (l. 18), enquanto MPBC, com sua tendência analítica (l. 7), apresenta inovações que não foram, na época, observadas; **4: Errado.** A questão está errada porque a “independência literária” que Machado de Assis inaugura com MPBC se refere apenas a este autor (l. 43), não foi um “movimento” seguido (sequer percebido) na época. O movimento influente na época foi o Naturalismo, com a maioria dos autores nacionais ainda bastante submetida – e não deles afastada – aos escritores estrangeiros (l. 21) da mesma escola. A quem interessar, vale a leitura de “Instinto de Nacionalidade” (1873), ensaio escrito por Machado sobre a importância de uma consciência de nacionalidade.

Gabarrão 1E, 2C, 3C, 4E

(Diplomacia – 2017 – CESPE) Com relação a aspectos gramaticais do texto I, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

- (1) Sem prejuízo das informações originais do texto e de sua correção gramatical, o trecho “Abandonando os episódios sentimentais (...) larga e profundamente humano” (l. 71 a 76) poderia ser reescrito da seguinte forma: Ao abandonar os episódios sentimentais que até esse momento se tenha privilegiado e ao instalar-se no íntimo de suas criaturas, descobriu, Machado de Assis, seres em que reações tipicamente brasileiras não eram contrárias ao caráter humano no sentido mais largo e profundo.
- (2) Em “Descontada a parte do coeficiente pessoal” (l. 66), a palavra “coeficiente” foi empregada no sentido de fator, circunstância.
- (3) A retirada do pronome oblíquo na oração “ele o possuiu inteiramente” (l. 52) preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.
- (4) Os sujeitos das formas verbais “varriam-se” (l. 31) e “afirmava-se” (l. 35) estão elípticos, e seu referente é a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*.

**1: Errado.** A reescritura sugerida, além de conter erros de gramática, apresenta transposições que alteram o sentido original do trecho destacado. O primeiro problema é a troca do sujeito em “se tenha privilegiado”. O texto afirma que Machado de Assis se ativera inicialmente a episódios sentimentais (menção à primeira fase de Machado, chamada de “fase romântica”), que logo foram abandonados, e a construção feita com o pronome “se” não traz mais Machado como agente, mas, sim, uma construção passiva, sem agente, e escrita equivocadamente. Com respeito ao rigor gramatical, a escrita seria “se tenham privilegiado” (na analítica, episódios sentimentais que tenham sido privilegiados). O segundo erro de sentido decorre da troca do pronome relativo “cujas” (“seres cujas reações” – l. 74) por “em que”. O relativo “cujo” expressa posse, podendo ser substituído por “de que”, mas não por “em que”, que traz a ideia de lugar. Por fim, “o caráter mais larga e profundamente humano” não é equivalente semanticamente a “caráter humano no sentido mais largo e profundo”. “Largo e profundo” passaram a ser adjetivos que qualificam “sentido”; antes eram advérbios e qualificavam o adjetivo “humano”. Algo profundamente humano é distinto de *um sentido* mais profundo; **2: Certo.** Coeficiente não tem outro sentido aqui senão fator, circunstância, condição que leva para um fim. A singularidade de Machado de Assis, segundo o texto, foi um fator essencial para uma produção literária madura ter-se iniciado, além do sistema literário já aí estabelecido; **3: Certo.** O objeto é pleonástico: “aquilo (certo sentimento íntimo...), ele o possui”. Aquilo = o, logo, o pronome oblíquo pode ser retirado sem prejuízo gramatical ou de sentido, uma vez que o verbo não ficará sem nenhum objeto; **4: Errado,** porque os sujeitos não estão elípticos. Nas duas ocorrências, eles estão expressos, apenas pospostos ao verbo: *varriam-se o sentimentalismo, o moralismo superficial, a fictícia unidade da pessoa humana, as frases piegas, o receio de chocar preconceitos, a concepção...*; afirmava-se a possibilidade(...).

Gabarrão 1E, 2C, 3C, 4E

1 Dei em passear de bonde, saltando de um para outro,  
aventurando-me por travessas afastadas, para buscar o veículo  
em outros bairros. Da Tijuca ia ao Andaraí e daí à Vila Isabel;

4 e assim, passando de um bairro para outro, procurando  
travessas despovoadas e sem calçamento, conheci a cidade —  
tal qual os bondes a fizeram alternativamente povoada

7 e despovoada, com grandes hiatos entre ruas de população  
condensada e toda ela, agitada, dividida, convulsionada  
pelas colinas e contrafortes da montanha em cujas vertentes

10 crescera. Jantava, uns dias; em outros, almoçava unicamente;  
e houve muitos que nem uma coisa ou outra fiz. (...)  
Abelardo Leiva, o meu recente conhecimento, era poeta

13 e revolucionário. Como poeta tinha a mais sincera admiração  
pela beleza das meninas e senhoras de Botafogo. Não faltava  
às regatas, às quermesses, às tômbolas, a todos os lugares

16 em que elas apareciam em massa; (...). Como revolucionário,  
dizia-se socialista adiantado, apoiando-se nas prédicas  
e brochuras do Senhor Teixeira Mendes, lendo também

19 formidáveis folhetos de capa vermelha, e era secretário  
do Centro de Resistência dos Varredores de Rua. Vivía  
pobremente, curtindo misérias e lendo, entre duas refeições

22 afastadas, as suas obras prediletas e enchendo a cidade com  
os longos passos de homem de grandes pernas.  
Depois de nossas relações, era frequente passearmos

25 juntos. Saíamos às dez horas, tomávamos café e andávamos  
até as três ou quatro da tarde. A essa hora separávamo-nos  
em obediência a uma convenção tácita. Tratava-se de jantar

28 e cada um de nós ia arranjar-se. À tarde, encontrávamo-nos  
e íamos conversar a um café com alguns outros amigos dele,  
na mor parte desprovidos de dinheiro, com magros e humildes

31 empregos, pretendendo virar a face do mundo para ter almoço  
e jantar diariamente. Leiva era o chefe, era a inteligência  
do grupo, pois, além de poeta, tinha todos os preparatórios

34 para o curso de dentista. Eu gostava de notar a adoração  
pela violência que as suas almas pacíficas tinham,  
e a facilidade com que explicavam tudo e apresentavam

37 remédios. Embora mais moço que ele, várias vezes cheguei  
a sorrir aos seus entusiasmos. Creio que lhes não faltava  
inteligência, sinceridade também; o que não encontravam

40 era uma soma de necessidades a que viessem responder  
e sobre as quais apoiassem as suas furiosas declamações.  
Insurgiam-se contra o seu estado particular, oriundo talvez

43 mais de suas qualidades de caráter do que de falhas  
de temperamento. Eram todos honestos, orgulhosos,  
independentes e isso não leva ninguém à riqueza e à

46 abastança. Leiva era quem mais exagerava nos traços  
do caráter comum e se encarregava de pintar os sofrimentos  
da massa humana. Era um grupo de protestantes, detestando

49 a política, dando-se ares de trabalhar para obra maior,  
a quem as periódicas “revoluções” não serviam. Um ou outro  
acontecimento vinha-lhes dar a ilusão de que eram guias da

- 52 opinião. Leiva gabava-se de ter feito duas greves e de ter modificado as opiniões do operariado do Bangu com as suas conferências aplaudidas. Os outros, sem a sua enfiatura,
- 55 os seus rompantes de atrevimento e a sua ambição oculta, mais sinceros talvez por isso, limitavam-se a falar e a manifestar as suas terríveis opiniões em publicações pouco lidas.
- 58 No entanto, Leiva parecia-me mais sincero na sua poesia palaciana e de modista do que nas ideias revolucionárias. Não o julgava perfeitamente hipócrita;
- 61 era a sua situação que lhe determinava aquelas opiniões; o seu fundo era cético e amoroso das comodidades que a riqueza dá. Cessassem as suas dificuldades, elas desapareceriam e surgiria
- 64 então o verdadeiro Leiva, indiferente aos destinos da turba, dando uma esmola em dia de mau humor e preocupado com uma ruga no fraque novo que viera do alfaiate.

Lima Barreto. Recordações do escritor Isaiás Caminha. São Paulo: Brasiliense, 1956, p.133-6 (com adaptações).

(Diplomacia – 2017 – CESPE) Com relação às ideias desenvolvidas no texto II, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

- (1) No texto, o narrador emprega a expressão “grandes hiatos”( l. 7) para se referir a locais despovoados da cidade, que ele ia conhecendo de bonde.
- (2) O narrador supõe existir um “verdadeiro Leiva” (l. 64), que se vislumbra na “poesia palaciana e de modista” (R.59) deste personagem, e imagina que, caso passasse a viver em condições econômicas mais favoráveis, Leiva se revelaria descrente dos ideais revolucionários e atraído pelo conforto material.
- (3) O narrador discorda da opinião geral dos amigos de Leiva, que o julgam “perfeitamente hipócrita” (l. 60), e considera que tal julgamento advém do meio pobre e humilde que Leiva frequenta.
- (4) Nos trechos “Eu gostava de notar a adoração pela violência que as suas almas pacíficas tinham” (l. 34 e 35) e “Era um grupo de protestantes, detestando a política” (l. 48 e 49), o narrador alude a uma ambivalência no comportamento de Leiva e de seus amigos.

**1: Certo.** No início do texto, o narrador-personagem, que estava conhecendo a cidade ao passear de bonde (l. 1-5), alude ao processo de urbanização de alguns bairros do Rio de Janeiro. No trecho: “os bondes a fizeram [a cidade] alternativamente povoada e despovoada, com grandes hiatos entre ruas de população condensada e toda ela...”, hiato significa fenda, intervalo, um espaço não preenchido. É uma questão que cobra apenas o conhecimento do vocabulário; **2: Certo.** A questão apresenta uma perfeita síntese do trecho final do texto de Lima Barreto, da l. 58 a 66. O narrador duvida do aspecto revolucionário de Leiva (“era a situação que lhe determinava aquelas opiniões” – l. 61), sugerindo ser mais uma questão de vaidade - talvez um modo de sobressair ante as próprias dificuldades materiais momentâneas - que de implicação real com o destino da massa; **3: Errado,** por dois motivos. Primeiro que não são os amigos que emitem um juízo de julgamento a respeito do personagem Leiva, mas, sim, o narrador (l. 58: “Leiva parecia-me”, em primeira pessoa do singular). Segundo que nem o narrador o julga “perfeitamente hipócrita”, conforme apresentado na l. 60: “Não o julgava perfeitamente hipócrita; ...”, quando, aí então, justifica a sua relativização com o contexto que crer motivar Leiva; **4: Certo.** Ambivalência é a aparição simultânea de ideias ou sentimentos opostos. Na primeira frase, ela está presente pela oposição “adoração

pela violência” proveniente das “almas pacíficas”; na segunda frase, em “protestastes” (pessoas que protestam) que “detestavam a política”.

Gabareto 10, 20, 30, 40

(Diplomacia – 2017 – CESPE) Considerando as relações semântico-sintáticas estabelecidas no texto II, julgue (C ou E) os itens a seguir.

- (1) No período “Creio que lhes não faltava inteligência, sinceridade também; o que não encontravam era uma soma de necessidades a que viessem responder e sobre as quais apoiassem as suas furiosas declamações” (l. 38 a 41), as negações enfatizam a sequência de características depreciativas atribuídas ao grupo de Leiva, para o que contribui o emprego do adjetivo “furiosas” e do modo subjuntivo, que destaca a inconsistência de suas ações.
- (2) A conjunção “Embora” (l. 37) pode ser substituída por Posto que, mantendo-se o sentido e a correção gramatical do texto.
- (3) O tom memorialista do primeiro parágrafo manifesta-se pelo uso predominante de formas verbais que denotam o início de determinadas ações, das quais são exemplos “Jantava” e “almoçava”, ambas na linha 10, e “Vivia” (l. 20).
- (4) Da leitura do período “Como revolucionário, (...) dos Varredores de Rua” (l. 16 a 20), é correto inferir que, além de “formidáveis folhetos de capa vermelha”, o senhor Teixeira Mendes lia “prédicas e brochuras”.

**1: Errado.** A questão está errada porque generaliza o uso das negativas como para afirmar deprecições, mas a primeira negação é enaltecedora: “Creio que lhes não faltava inteligência, sinceridade também;...” (l. 38). Ou seja, a negação com o verbo “faltar” (isso não falta) é pra afirmar que algo está presente: inteligência e sinceridade havia no grupo. Uma vez que o pressuposto é equivocado, nem o adjetivo nem o subjuntivo podem “contribuir”, conforme tentou afirmar a questão; **2: Certo.** Tanto *embora* quanto *posto que* são conjunções de valor concessivo, que podem ser intercambiadas sem qualquer prejuízo gramatical ou de sentido; **3: Errado.** O tom memorialista se dá, sim, pela presença dos verbos no pretérito imperfeito (“jantava”, “almoçava”, “vivia”). O problema está na justificativa que a questão apresentou para o seu uso. O imperfeito não marca o *início* de uma ação, mas a duração de uma ação no

passado (no trecho dado, aponta a rotina dos personagens), uma ação em curso. O tempo que marca uma ação pontual é o pretérito perfeito; **4: Errado.** O sujeito das duas ações verbais construídas com o gerúndio é o Leiva: *ele dizia-se socialista, apoiando-se/ lendo*. Não se sustenta a inferência de que era o senhor Teixeira que lia as prédicas e brochuras, uma vez que o gerúndio anterior

está subordinado à oração principal, cujo referente do sujeito oculto é o Leiva. Há um paralelismo no uso das formas nominais, que contribui justamente para a compreensão do sentido do período (Leiva afirmar-se socialista). O gabarito desta questão dado como certo inicialmente foi devidamente modificado. O item é errado.

Gabarito 1E, 2C, 3E, 4E

- 1 Escrita em prosa e verso, a Carta Marítima é formalmente um poema sui generis, que supera as divisões convencionais do discurso. Quanto à mensagem, tem elementos
- 4 de uma alegre sátira ideologicamente avançada para o acanhado meio português do tempo, na qual Sousa Caldas censura os privilégios e a vida materializada, presa a uma
- 7 educação artificial e obsoleta, sugerindo a regeneração da sociedade por meio de uma transformação como a que lhe parecia estar em curso na França revolucionária.
- 10 No plano cultural, satiriza a tirania da herança greco-latina e aspira a algo diferente, que não formula, sendo porém significativo que enquanto menciona Homero como exemplo
- 13 de poeta desligado do real, fechado num mundo factício, louve um moderno, Cervantes, que assim privilegia como autor de obra-prima mais adequada ao tempo, e que de mais a mais
- 16 reforça o seu propósito na Carta, por ser ela própria uma sátira contra costumes e convenções cediças. Portanto, já em 1790 Caldas insinuava a necessidade de mudar os padrões, e o fazia
- 19 com mais força e originalidade do que faria seis anos depois o francês Joseph Berchoux, na cidadíssima e medíocre Elegia sobre os Gregos e os Romanos, onde os acusa de lhe
- 22 infelicitem a vida. (...)
 

A mudança sugerida na Carta levaria o tempo de uma geração para acontecer. Mas mesmo sem propor novos rumos
- 25 Sousa Caldas contribuiria a seu modo, ao descartar no resto da obra a imitação da Antiguidade e voltar-se para os temas religiosos, que o Romantismo consideraria mais tarde como um
- 28 dos seus timbres diferenciadores. Pelo fato de ter remontado na tradução dos Salmos à poesia bíblica, embora nada tenha de pré-romântico ele foi considerado mais ou menos precursor
- 31 a partir do decênio de 1830; mas é inexplicável que os românticos nunca tenham mencionado a Carta, que poderia, na perspectiva deles, ser lida como verdadeiro
- 34 manifesto modernizador.
 

Curioso a este respeito é o caso de Gonçalves de Magalhães, que publicou em 1832 o pífio volume Poesias,
- 37 encharcado da rotina mais banal daquele momento de exaustão literária, inclusive com recurso constante à mitologia clássica.
 

Mas no ano seguinte escreveu que não queria mais saber dela,
- 40 por clara influência da Carta Marítima, imitada quase ritualmente numa Carta ao Meu Amigo Dr. Cândido Borges Monteiro (datada do Havre, 1833), onde narra a sua própria
- 43 viagem à França. Vistas as coisas de hoje, isto parece uma inflexão por influência de Sousa Caldas, antes da conversão estética ocorrida em Paris e manifestada na revista Niterói.

- 46 Por que então nos escritos renovadores Magalhães não mencionou esta sua precoce mudança de rota, nem mesmo quando se referia a Sousa Caldas? Difícil imaginar os motivos, sobretudo quando pensamos que os primeiros românticos queriam a todo custo encontrar precursores, evocando Durão, Basílio, São Carlos e Sousa Caldas entre os principais.
- 52 Talvez porque para quem tinha andado de braço com as musas clássicas, como o Magalhães de Poesias, a carga mitológica da Carta Marítima parecesse, na hora de renovar, incompatível com a nova moda. Por isso, não apenas deixou a sua própria Carta fora dos Suspiros Poéticos, mas só se animou a publicá-la em 1864, no volume Poesias Avulsas das suas obras completas, onde recolheu pecados da mocidade. No entanto, se a tivesse divulgado na altura da sua pregação renovadora ela teria sido (apesar da péssima qualidade) um argumento de certo peso no rastreamento de sinais precursores e da sua própria antecipação. (...)
- 64 No rasto de Magalhães, os primeiros românticos também puseram de lado a Carta de Sousa Caldas, que talvez tenham mesmo trelido, sem perceberem a força renovadora que está implícita na sua brincadeira profilática e faz dela indício precursor de certos aspectos que o nosso Romantismo assumiria, sem deixar com isso de ser um documento, plantado no solo setecentista da Ilustração.

Antonio Candido. Carta Marítima. In: O discurso e a cidade. São Paulo: Duas Cidades, 1998, p. 220-2 (com adaptações).

(Diplomacia – 2017 – CESPE) Julgue (C ou E) os itens seguintes, relacionados às ideias desenvolvidas no texto III.

- (1) Antonio Candido afirma que Sousa Caldas, em Carta Marítima, escreveu um poema satírico que mostrava avanços em relação ao seu tempo, até mesmo pelo fato de o poeta fazer referência laudatória a um escritor como Miguel de Cervantes.
- (2) De acordo com Antonio Candido, os autores românticos, entre eles Gonçalves de Magalhães, não fizeram referência à Carta Marítima, apesar de Sousa Caldas ser um poeta conhecido naquele momento e de o poema conter aspectos modernizadores buscados pela poesia romântica.
- (3) Segundo o texto, Sousa Caldas, em Carta Marítima, repudiou os temas religiosos e preferiu salientar os mitos da Antiguidade clássica que permitissem fazer uma sátira surpreendente no meio social do seu tempo.
- (4) Conclui-se do texto que Sousa Caldas, ao escrever a Carta Marítima, prenunciou o Romantismo brasileiro, tendo criticado a “exaustão literária” (l. 37 e 38) da poesia de Gonçalves de Magalhães, que, no ano anterior, havia publicado um volume pífio intitulado Poesias.

**1: Certo.** A classificação do poema como *satírico e avançado* é apresentada logo no início do texto de Antonio Candido, na l. 4. A referência a Miguel de Cervantes como influência para Sousa Caldas está na l. 14, ao afirmar que este o “privilegia como autor de obra-prima mais adequada ao tempo”. Cervantes é autor de uma das maiores sátiras de costumes, D. Quixote de la Mancha.

**2: Certo.** A referência à Carta Marítima não foi feita pelos românticos, apesar de os influenciar – é esta justamente a crítica de Antonio Candido, enquanto apresenta as dúvidas sobre as razões do ocorrido. Nas l. 32-34, a afirmação é explicitada.

**3: Errado.** Candido afirma claramente nas l. 25-27 que Sousa Caldas descartou a imitação da Antiguidade e voltou-se para os temas religiosos. A questão apresenta uma paráfrase equivocada do trecho.

**4: Errado.** Quem critica a “exaustão literária” (l. 37) é Antonio Candido, não o escritor Sousa Caldas. É muito comum nas provas as questões promoverem essa confusão entre o escritor resenhado e o autor de fato do texto selecionado.

Gabarito 1C, 2C, 3E, 4E

(Diplomacia – 2017 – CESPE) Com relação a aspectos gramaticais do texto III, julgue (C ou E) os próximos itens.

- (A) A substituição do vocábulo “encharcado” (l. 37) por repleto preservaria o estilo original do período, embora acarretasse prejuízo ao teor metafórico da construção.
- (B) A substituição da conjunção “embora” (l. 29) pela conjunção conquanto prejudicaria o sentido original do texto.
- (C) A substituição da oração relativa “que não formula” (l. 11) por embora não a formularia o sentido original do texto e sua correção gramatical, desde que fossem mantidas as vírgulas que isolam referida oração.
- (D) Dados os sentidos do texto, é correto afirmar que os sujeitos elípticos das formas verbais “privilegia” (l. 14) e “reforça” (l. 16) têm referentes distintos.

**1: Errado.** Essa questão é mais difícil, porque o erro é sutil. De fato, a substituição de “encharcado” pelo termo denotativo “repleto” prejudicaria o teor metafórico (conotado) da formulação original. O erro – já é possível aqui a dedução – reside unicamente na afirmação “preservaria o estilo original”, uma vez que a mudança de um termo conotado para um denotado já é uma *alteração estilística*, logo, não conserva/preserva a expressão (estilo) original do autor. Em termos lógicos, não é possível alterar e conservar ao mesmo tempo.

**2: Errado.** Novamente, cobrou-se o conhecimento das conjunções concessivas. Tanto *embora* quanto *conquanto* são concessivas, podendo ser intercambiadas sem qualquer prejuízo formal ou de sentido. A questão está errada.

**3: Errado.** Antonio Candido afirma que o que Sousa Caldas não formula é esse “algo diferente” (l. 11) a que aspira. A substituição correta da oração adjetiva pela advérbial seria possível, desde que mantido o mesmo objeto: embora não o formule. A inserção de um pronome oblíquo feminino torna errada a substituição, uma vez que não preservaria o sentido original.

**4: Certo.** O referente (aquilo/aquele a que me refiro) de “privilegia” é Sousa Caldas, e o referente de “reforça” é Cervantes. Cervantes é usado por Sousa Caldas para reforçar o propósito deste na Carta Marítima.

Gabarito 1E, 2E, 3E, 4C

**(Diplomacia – 2017 – CESPE)** Com relação a aspectos linguísticos e textuais do texto III, julgue (C ou E) os seguintes itens.

- (1) Com o emprego de construções como “Vistas as coisas de hoje” (l. 43) e “Difícil imaginar os motivos” (l. 48) e da forma verbal “pensamos” (l. 49), o autor confere um tom impessoal ao texto.
- (2) Os adjetivos “pífio” (l. 36) e “encharcado” (l. 37) e a expressão “exaustão literária” (l. 37 e 38) são empregados, no texto, em sentido conotativo.
- (3) Sem prejuízo das informações originais do texto e de sua correção gramatical, o trecho “No rasto de Magalhães, (...) sua brincadeira profilática” (l. 63 a 66) poderia ser reescrito da seguinte forma: Os primeiros românticos também ignoraram a Carta de Sousa Caldas; assim como Magalhães, não perceberam a força subjacente em sua brincadeira preventiva, e talvez eles mesmos a tenham lido às avessas.

(4) A expressão “a este respeito” (l. 35) retoma a ideia defendida no parágrafo anterior: Sousa Caldas contribuiu a seu modo para as mudanças na poesia do Romantismo, embora não tenha proposto caminhos novos.

**1: Certo.** O autor não aponta uma posição pessoal dele, mas sim um distanciamento em relação ao objeto tratado. A ausência de marcas de um sujeito (“Vistas as coisas”), o uso do infinitivo impessoal (“Difícil imaginar”) e a primeira pessoa do plural (“pensamos”) conferem a impessoalidade e garantem o uso da função referencial no texto. O tom impessoal – sem marcas de pessoa –, nesse sentido, é verificado nas frases destacadas; **2: Errado.** Novamente, cobrou-se estilística. Tanto *pífio* quanto a expressão *exaustão literária* foram usados em sentido denotado, literal. *Pífio* significa “de pouco valor”, e *exaustão* significa “esgotamento”, no caso, um esgotamento da capacidade criativa literária. Apenas *encharcado* é conotado, uma vez que, literalmente, significa “molhado” e, figurativamente, “repleto”; **3: Errado.** Não há erro de gramática na reescritura, no entanto, foram feitos deslocamentos e substituições que modificaram o sentido original. As substituições de “implícito” por “subjacente”, “profilático” por “preventivo” e “treslido” por “lido às avessas” são possíveis em termos literais, mas modificam o tom metafórico de que Candido se vale. O sentido de “profilático”, por exemplo, vem somar-se à ideia de procedimentos para mudar a sociedade, que Candido anuncia estar presente na Carta de Sousa Caldas, uma vez que este “insinuava a necessidade de mudar os padrões” (l. 18), e o termo “preventivo” perde esse efeito. Outro problema na paráfrase sugerida decorre do deslocamento de palavras, como em “e talvez eles mesmos a tenham lido às avessas”. O pronome oblíquo *a* aqui já não retoma a Carta Marítima, como no original (função anafórica exercida pelo pronome relativo *que* em “que tenham mesmo treslido”), mas, sim, o último referente no feminino, “brincadeira preventiva”. Além disso, o advérbio *mesmo*, com sentido de “realmente” no original, passou a funcionar como adjetivo, no sentido de “eles próprios”, “eles em pessoa”, o que também acarreta mudança de sentido; **4: Errado**, uma vez que a ideia retomada pela expressão “a este respeito” é a última mencionada no parágrafo anterior, qual seja, a de que Sousa Caldas teve uma contribuição considerável como precursor do Romantismo, mas nunca foi mencionado pelos primeiros românticos. A ideia afirmada erroneamente na questão como “a” ideia defendida aparece apenas como pressuposto da tese principal: a influência, já tardia, não reconhecida de Sousa Caldas.

Gabarito 1C, 2E, 3E, 4E

- 1 A classe dedicada ao comércio, marcada pela compra e venda de mercadorias ou na colocação de dinheiro, não representava, no Império, o padrão social dominante.
- 4 Os comerciantes eram, em grande parte, estrangeiros; o ramo mais saliente do comércio, o ligado ao escravo, sujava as mãos dos que com ele enriqueciam. Um título de comendador ou
- 7 de barão dourava o busto do empresário, mas não o nobilitava, visto que o nobre pertencia a uma camada diversa, composta, sob o ponto de vista profissional ou econômico, de letrados
- 10 ou senhores de rendas. O homem que traficava — membro da classe lucrativa ou aquisitiva —, para se qualificar socialmente, embriagou-se, perdidamente, na imitação do
- 13 estilo ou nos traços secundários da classe proprietária e do estamento. Elevava-se, se enriquecido — elevava-se é o termo certo — a uma categoria superior no desfrute
- 16 ostentatório de rendas, transformando a natureza de seu patrimônio, ou ingressava na política e no governo, preocupado em amortecer a cintilação equívoca da origem. Era quase

- 19 uma situação colonial, com a ascensão, nem sempre possível no espaço de uma geração, do albardeiro ao círculo dos fidalgos. Em meados do século XIX o velho equilíbrio
- 22 se rompe, fio a fio, imperceptivelmente, na quebra de secular estrutura econômica e social. Consequência da nova dinâmica, que agita e move a sociedade, será a emancipação de uma
- 25 classe inteira, até aí pejada, impedida e entorpecida em seus passos. Dentro da consciência do homem que enriqueceu no trato de mercadorias e de valores, haverá agora uma crise.
- 28 O Dr. Félix (Ressurreição) ou Rubião (Quincas Borba), aquinhoados pela inesperada herança, trataram de aplicar os bens para que eles lhes proporcionassem renda segura e
- 31 estável.  
Outra é a conduta de Mauá, como será a de Palha (Quincas Borba), Cotrim (Memórias Póstumas) ou de Santos
- 34 (Esaú e Jacó). Homens do comércio, não convertem o patrimônio em prestações de renda, mas continuam presos aos seus negócios, perseguindo o infinito, imantados por outros
- 37 desígnios, alimentados por uma nova sociedade. Mas há a crise. Rubião a vive, já, no último quartel do século, em sentido contrário, atraído pelos lucros do comércio e
- 40 não pelo comércio. Mauá a sentirá, no sentido autêntico: dos doze aos trinta e dois anos, vergado no balcão e sócio de comerciante, torna-se dono de respeitável fortuna. Fiel
- 43 à ordem dominante, não a calcula em bons e vistosos contos de réis, mas por sua renda, que seria superior a 50 contos anuais. A renda e não o capital dava a nota de grandeza,
- 46 de opulência, para encher os olhos e provocar a admiração. “Já se vê que, — confessava, aludindo ao ano de 1846 — ao engolfar-me em outra esfera de atividade, possuía eu uma
- 49 fortuna satisfatória, que me convidava a desfrutá-la. Travou-se em meu espírito, nesse momento, uma luta vivaz entre o egoísmo, que em maior ou menor dose habita o coração
- 52 humano, e as ideias generosas que em grau elevado me arrastavam a outros destinos...”. O egoísmo seria a fruição do capital, sem suor e angústias; o impulso contrário,
- 55 a expansão da economia, que se identificaria, para a classe lucrativa, com o progresso do país. Certo de seu papel dinâmico na sociedade, criando atividades novas e
- 58 aprimorando as existentes; esse estrato ganha relevo e autonomia, sem que se esconda atrás do biombo, dourado de tradição e respeitabilidade, da classe proprietária. É hostil,
- 61 como conjunto, ao ócio dos homens de renda e ao prestígio do estamento político, que maneja o poder do alto e de cima, sem consultar-lhe as preferências nem lhe pedir orientação
- 64 e conselho. Atente-se: a classe lucrativa tem conduta adversa ao estilo de vida da camada dirigente, não obstante a explore, e viva, em grande parte, de seus favores, numa espécie de
- 67 capitalismo político, dependente e subordinado ao Estado.

**(Diplomacia – 2017 – CESPE)** Com referência ao texto IV, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

- (1) Conforme o texto, tanto o Dr. Félix, personagem de Ressurreição, quanto Rubião, personagem de Quincas Borba, mantinham, em seus negócios e investimentos, condutas que seguiam princípios éticos e morais opostos aos de um homem de comércio como Mauá, que pertencia à ordem dominante.
- (2) Conclui-se do texto que a maioria dos comerciantes, no Império, não era formada por brasileiros, bem como que o comércio mais lucrativo praticado na época estava associado à economia escravocrata.
- (3) Raymundo Faoro argumenta que personagens de romances, tais como Palha e Cotrim, anteciparam, em meados do século XIX, tendências econômicas e políticas que estariam plenamente consolidadas ao final do Império brasileiro.
- (4) Salienta-se, no texto, a importância da renda como atributo de grande reconhecimento social, o que levou Mauá a vivenciar ‘uma luta vivaz’ (l. 50), isto é, um dilema, entre a utilização do capital para fins próprios e o investimento na economia nacional.

**1: Errado.** Não há, nos personagens citados, oposição qualquer em relação a princípios éticos e morais: todos precisavam ou esconder sua origem ou ostentar sua renda para qualificarem-se socialmente. As diferenças apresentadas são em relação ao destino do patrimônio. Além disso, Mauá não “pertencia” à ordem dominante, como sugere a questão, mas, sim, era “fiel à ordem dominante” (l. 42), a do desfrute ostentatório da renda; **2: Certo.** É afirmado na l. 4-5 que “os comerciantes eram, em grande parte, estrangeiros” e que “o ramo mais saliente do comércio” era “o ligado ao escravo”; **3: Errado.** Raymundo Faoro discorre sobre como, em meados do séc. XIX, a organização socioeconômica dos comerciantes se modifica, mas não sobre tendências plenamente consolidadas ao final do Império brasileiro. Afirma que “o velho equilíbrio se rompe” (l. 22), com o movimento abolicionista e a mudança do comércio, mas não chega, no trecho dado, a nenhuma síntese a respeito; **4: Certo.** No período que se inicia na l. 53, a divisão afirmada pode ser confirmada.

Gabarito 1E, 2C, 3E, 4C

**(Diplomacia – 2017 – CESPE)** Com referência ao texto IV, julgue (C ou E) os próximos itens.

- (1) Tendo o pronome oblíquo sentido possessivo em “sem consultar-lhe as preferências” (l. 63), tal trecho poderia ser substituído por sem consultar as suas preferências, mantendo-se, com isso, a correção gramatical e o sentido do texto.
- (2) A colocação do pronome em “embriagou-se” (l. 12), “Elevava-se” (l. 14), “Já se vê” (l. 47) e “que se identificaria” (l. 55) está de acordo com a variedade formal culta da língua portuguesa e deve-se a razões fonético-sintáticas.
- (3) Na linha 23, o emprego da vírgula logo após a expressão “da nova dinâmica” bem como o emprego do artigo definido em “da” indicam que a oração “que que agita e move a sociedade” (l. 24) não participa da construção da referência dessa expressão.
- (4) Tanto em “do albardeiro ao círculo dos fidalgos” (l. 20 e 21) quanto em “dos doze aos trinta e dois anos” (R.41), a preposição de foi empregada no sentido de desde.

**1: Certo.** O pronome *lhe* pode funcionar como objeto indireto (a ele) ou como objeto indireto com sentido possessivo (seu, sua). No trecho

destacado, o pronome oblíquo não opera como um “a ele” (OI), mas, sim, como OI possessivo, podendo, portanto, ser substituído pelo seu pronome correspondente.

**2: Certo.** Em “embriagou-se” e “elevava-se”, não há nenhum fator de próclise, sendo a ênclise justificada na norma culta do português por exigências da eufonia lusa (cf. *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara). Em “Já se vê” e “que se identificaria”, a próclise é estabelecida pela construção da frase com o advérbio de tempo já, no primeiro caso, e com o pronome relativo *que*, no segundo, fatores tidos como atrativos do pronome.

**3: Certo.** A presença do artigo definido em “a dinâmica” somada ao uso da vírgula após o nome anunciam que a oração adjetiva seguinte é uma oração explicativa, não restritiva. Segundo Bechara, “a adjetiva explicativa alude a uma particularidade que não modifica a referência do antecedente e que, por ser apêndice, pode ser dispensada sem prejuízo total da mensagem” (p. 467, *Moderna Gramática Portuguesa*). Isto é, a oração adjetiva seguinte apenas descreve como a dinâmica é, não a diferencia, podendo, por isso, até ser retirada sem prejuízo para o texto. Se pode ser retirado, não participa da construção da referência dessa expressão: esta já esta dada.

**4: Errado.** Na primeira frase, “do albardeiro ao círculo dos fidalgos” (l. 20), a preposição não está sendo empregada com o sentido de “desde”, uma vez ela é complemento nominal do substantivo *ascensão* (*de...a*): é a *ascensão do albardeiro ao círculo dos fidalgos* (este já é um nobre). O trecho trata justamente dos diferentes meios de qualificação social na época do Império, uma vez que a estrutura econômica estava mudando. Na segunda frase, “de” tem valor de “desde”, pois aponta uma extensão de tempo.

Gabarito 1C, 2C, 3C, 4E

**(Diplomacia – 2017 – CESPE)** Julgue (C ou E) os itens subsequentes, acerca das ideias e das estruturas linguísticas do texto IV.

- (1) Feitos os devidos ajustes de maiúsculas e minúsculas e de pontuação, o deslocamento dos advérbios “socialmente” e “perdidamente”, ambos na linha 12, para o início e para o fim do período em que eles ocorrem, respectivamente, manteria a correção e o sentido original do texto.
- (2) Os vocábulos “pejada” (l. 25) e “aquinhoados” (l. 29) podem ser substituídos, respectivamente, por embaraçada e contemplados, sem prejuízo para as informações veiculadas no texto.
- (3) Na linha 65, a substituição de “não obstante” por contudo preservaria a correção gramatical e o sentido original do texto.
- (4) Apesar da cacofonia inicial, a correção gramatical e o sentido original do texto seriam mantidos caso o trecho “Um título de comendador ou de barão dourava o busto do empresário, mas não o nobilitava” (l. 6 e 7) fosse reescrito da seguinte forma: Comenda de comendador ou de barão dourava o busto de comerciantes, embora não lhes tornasse nobre.

**1: Errado.** Nem sempre o advérbio pode ser modificado sem implicação de mudança de sentido. “Socialmente” modifica o verbo “qualificar” e, uma vez deslocado para o início do período, estaria vinculado à primeira oração, mudando o sentido. Com “perdidamente”, não haveria problemas no deslocamento, pois o advérbio seguiria vinculado a seu verbo de origem, “embriagar-se” (l. 12); **2: Certo.** As substituições estão dicionarizadas e de acordo com o sentido do texto; **3: Errado.** “Não obstante”, no texto, está sendo usado como conjunção subordinativa concessiva, e “contudo” é conjunção coordenativa adversativa. O sentido de ambas as conjunções é de contrariedade, mas a troca não preserva a correção gramatical, uma vez que a conjunção adversativa

pede o verbo no modo indicativo (ex.: contudo a *explora* e *vive*); **4: Errado.** Há erro gramatical e mudança de sentido na reescrita feita. Com adequação, o trecho “embora não lhes tornasse nobre” deveria ser “embora não os tornasse nobres”. A regência de *tornar* com o predicativo é VTD, não VTI, e faltou a concordância nominal. Além disso, o trecho original trata de um empresário específico, o traficante de escravos, e a substituição sugerida aplica-se a comerciantes de ordem geral.

Gabarito 1E, 2C, 3E, 4E

- 1 “Ah, o Brasil, que país!”, exclama uma personagem  
de La Vie Dangereuse. “Que país, esse Brasil!”, repetirão,  
com diferentes entonações, o melancólico capitão de longo  
4 curso, um agente da Terceira Internacional, a mulher de um  
diplomata reformado. Na verdade, as dimensões míticas desse  
subcontinente verde, sobrecarregado de movimento e de vida,  
7 só poderiam fascinar a imaginação de Blaise Cendrars.  
Viajante sem bagagem e sem descanso, o poeta do  
Transiberiano já se havia declarado irrevogavelmente contra  
10 as descrições de paisagens. Penetrar as coisas, interpretá-las,  
descrever ao seu modo animais e homens era a missão do  
viajante algo entediado.
- 13 A dança da paisagem... As sempre mesmas Europas.  
Diante delas: o Brasil, vaga expressão geográfica, país novo,  
quase um desconhecido de si mesmo, imenso laboratório de  
16 culturas onde coexistiam as mais contraditórias experiências de  
tempo social. A síntese psicológica e cultural, a paisagem  
humana feita de contrastes tão variados do Brasil teriam de  
19 exercer gradativamente sobre Cendrars atração irresistível.  
Mesmo antes da Grande Guerra — está-se farto de  
saber —, o jovem escritor suíço pretendia, com argumentos  
22 mais ou menos míticos, haver conhecido os países decisivos  
do mundo, da China aos Estados Unidos da América, da  
Alemanha ao Egito. O seu prestígio no mundo literário,  
25 consolidado já a partir de 1912 — data da primeira edição de  
Les Pâques à New York —, crescera definitivamente, no ano  
seguinte, com a Prose du Transsibérien et de la Petite  
28 Jehanne de France, para não falarmos de outros textos que  
publica em revistas de vanguarda. É preciso não esquecer  
também algumas plaquettes ilustradas pelos pintores cubistas  
31 mais conhecidos, e que os colecionadores disputam.  
A Anthologie Nègre, de 1921, vem a ser um êxito de público  
e de crítica; consegue mesmo rejuvenescer um pouco ainda a  
34 moda primitivista, já em desfavor nos meios mais à vanguarda.  
É depois da publicação da Anthologie que o  
compositor Darius Milhaud, interessado pelo jazz desde o final  
37 da guerra, procura a colaboração do poeta para um balé de  
tema negro que deseja compor. De 1917 a 1918, Milhaud fora  
adido à Legação francesa no Rio de Janeiro. Viera para essa  
40 cidade a convite de Paul Claudel, então chefe da missão  
diplomática do seu país junto ao governo brasileiro, e que não  
desejava interromper a colaboração intelectual que ambos  
43 mantinham na Europa. Compositor e poeta continuarão a  
trabalhar juntos no Brasil, em busca de uma integração  
dramática entre música e teatro declamado. Para Darius  
46 Milhaud, entretanto, que também escreve a música incidental

- para a farsa lírica O Urso e a Lua, do seu chefe, a descoberta da música popular brasileira — o maxixe, o choro, o
- 49 tanguinho, o samba —, com os seus problemas específicos de ritmo, foi muito estimulante. No Rio, ele conhecera o jovem Villa-Lobos — para quem Stravinski acabara de ser uma
- 52 revelação —, que começava a encarar a possibilidade de utilizar, de maneira orgânica, o vasto folclore nacional. Por sua vez, Milhaud, introduzido no ambiente da música popular do
- 55 Rio, recolhe o material que utilizará em seguida no *Boeuf sur le Toit*, chaplinesca “cinema-sinfonia sobre temas sul-americanos”, cujo título e frenético dinamismo se inspiram,
- 58 entre outros motivos, no maxixe Boi no Telhado, de Zé Boiadêro.
- Darius Milhaud foi, sem dúvida, o primeiro
- 61 intelectual a despertar a curiosidade de Cendrars pelo Brasil. Conhecedor do singular temperamento do amigo novo, o compositor percebeu o interesse que a experiência de um
- 64 mundo inteiramente inédito — dessa paisagem deveras anônima, conforme Gobineau a classificara com hepático mau humor cinquenta anos antes — iria provocar no poeta do
- 67 Panama. Mesmo assim, é pouco provável que, nessa época, Cendrars alimentasse o mais vago propósito de partir para a América do Sul, rumo ao país delirante e ingênuo dos bois
- 70 no telhado. Os acontecimentos, porém, se precipitam. La Création du Monde seria dançada pelos Ballets Suédois, de Rolf de Maré, em outubro de 1923, e, em janeiro do ano
- 73 seguinte, com o irônico desprendimento do turista ocasional, Cendrars estava zarpando para o Brasil a bordo do Formoso, vapor que batia bandeira francesa.

Alexandre Eulálio. A aventura brasileira de Blaise Cendrars. São Paulo: Quiron, 1978, p.14-6 (com adaptações).

**(Diplomacia – 2016 – CESPE)** Com relação às ideias desenvolvidas no texto I, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

- (1) O trecho “paisagem deveras anônima” (l. 64 e 65), que apresenta expressão atribuída a Gobineau, faz referência a um lugar novo e ainda desconhecido, tendo sentido similar ao do trecho “um mundo inteiramente inédito” (l. 63 e 64).
- (2) Segundo o autor do texto, Blaise Cendrars foi instigado a viajar ao Brasil devido à existência, no país, de ritmos musicais exóticos, entre os quais o maxixe.
- (3) Darius Milhaud, compositor que exerceu funções diplomáticas no Rio de Janeiro, inspirou-se na música popular carioca para compor o *Boeuf sur le Toit*.
- (4) Porquanto, conforme o texto, Blaise Cendrars era “Viajante sem bagagem e sem descanso” (l. 8) e exibia “o irônico desprendimento do turista ocasional” (l. 73), é correto concluir que o “poeta do Transiberiano” (l. 8 e 9) viajava ao acaso, sem que o motivasse maior curiosidade pelos lugares a que se dirigia.

**1: Certo.** “Anônimo” aqui deve ser entendido como aquilo que não foi nomeado, desconhecido, daí sua similaridade com o adjetivo “inédito”, que Gobineau atribui ao Brasil do séc. XIX; **2: Errado.** Segundo o autor do texto, Blaise Cendrars foi instigado a viajar ao Brasil pelo amigo e

compositor Darius Milhaud, que já sabia da atração de Cendrars pela “experiência de um mundo inteiramente inédito” (l. 64). Por sua vez, o interesse de Cendrars é muito mais amplo que apenas pela questão dos ritmos musicais, apresentado no parágrafo das l. 13-19; **3: Certo.** No texto, é afirmado que Milhaud foi “adido à Legação francesa no Rio de Janeiro” (l. 39), à convite de Paul Claudel, na época em missão diplomática do governo francês junto ao Brasil. A influência de *Boeuf sur le Toit*, por sua vez, “cujo título e frenético dinamismo se inspiram (...) no maxixe Boi no Telhado, de Zé Boiadêro” é afirmada explicitamente no final do mesmo parágrafo (l. 57-59); **4: Errado,** uma vez que Blaise Cendrars não viajava “ao acaso”, conforme sugere a questão, mas motivado pela experiência do novo, do desconhecido, ideia apresentada no parágrafo das l. 13-19.

**(Diplomacia – 2016 – CESPE)** Julgue (C ou E) os itens a seguir, relativos às ideias desenvolvidas no texto. O autor do texto informa sobre a criativa parceria de Darius Milhaud, Paul Claudel e Blaise Cendrars, determinante para a composição de obras coletivas dos três artistas.

- (1) Ao fazer referência à “moda primitivista” (l. 34), Alexandre Eulálio trata do Brasil, “país novo, quase um desconhecido de si mesmo” (l. 14 e 15), que fascinava a imaginação de Blaise Cendrars.
- (2) Conforme o texto, Blaise Cendrars deixou-se influenciar pelos temas nativistas e pelo “vasto folclore nacional” (l. 53) que encontrou ao chegar ao Brasil e

manter contato com os compositores do país.

- (3) Os títulos de Blaise Cendrars citados no texto, tais como *Les Pâques* à New York, *Prose du Transsibérien* e *Panama*, salientam a tendência do poeta suíço para os comentários sobre viagens, em sua obra, e seu interesse em conhecer lugares.

**1: Errado.** Paul Claudel e Darius Milhaud estavam no Brasil em missão diplomática e são apresentados no texto para elucidar os antecedentes que fizeram Blaise Cendrars chegar ao Brasil. Em nenhum momento há qualquer citação sobre “obras coletivas dos três artistas”. O único trabalho mencionado em termos de parceria é *O Urso e a Lua*, farsa lírica de Paul Claudel e música de Milhaud; **2: Errado.** Ao fazer menção à “moda primitivista”, o autor do texto se refere ao contexto europeu, não ao Brasil. As manifestações artística primitivistas surgiram no final do séc. XIX, na França, e em 1920 já eram menos influentes. Por isso, Eulálio afirma que a obra de Cendrars “consegue mesmo rejuvenescer um pouco ainda a moda primitivista, já em desfavor em meios mais à vanguarda” (L.33); **3: Errado.** Quem se deixou influenciar pelos temas nativistas e pelo vasto folclore brasileiro foi Darius Milhaud, não Blaise Cendrars (L. 52-59). O texto de Eulálio, no trecho recortado para a prova, sequer desenvolve o que se passou de fato após a chegada de Cendrars ao Brasil.

Gabrielito 1C, 2C, 3E, 4E

**(Diplomacia – 2016 – CESPE)** Cada um dos itens subsequentes apresenta um trecho do texto I, seguido de uma proposta de reescrita desse trecho. Julgue cada item como certo (C), se sua reescrita mantiver as informações originais do trecho, ou como errado (E), se essa reescrita acarretar prejuízo às informações originais.

- (1) “É depois da publicação da *Anthologie* que o compositor Darius Milhaud, interessado pelo jazz desde o final da guerra, procura a colaboração do poeta para um balé de tema negro que deseja compor.” (R. 35 a 38) — O compositor Darius Milhaud, interessado pelo jazz desde o final da guerra, busca, após a publicação da *Anthologie*, a cooperação do poeta, para um balé de tema negro que deseja compor.
- (2) ““Ah, o Brasil, que país!”, exclama uma personagem de *La Vie Dangereuse*. “Que país, esse Brasil!”, repetirão, com diferentes entonações, o melancólico capitão de longo curso, um agente da Terceira Internacional,

a mulher de um diplomata reformado.” (R. 1 a 5) — Uma personagem de *La Vie Dangereuse* exclama: “Ah, o Brasil, que país!”. O taciturno capitão de longo curso, um agente da Terceira Internacional, a mulher de um diplomata reformado reiterarão em distintas entonações: “Que país, esse Brasil!”.

- (3) “A síntese psicológica e cultural, a paisagem humana feita de contrastes tão variados do Brasil teriam de exercer gradativamente sobre Cendrars atração irresistível.” (R. 17 a 19) — Teriam de exercer atração gradualmente irresistível sobre Cendrars a paisagem humana constituída de contrastes do Brasil tão variado, a síntese da psicologia e da cultura.
- (4) “É preciso não esquecer também algumas plaquettes ilustradas pelos pintores cubistas mais conhecidos, e que os colecionadores disputam.” (R. 29 a 31) — É necessário não esquecer também que os colecionadores disputam algumas plaquettes, ilustradas pelos pintores cubistas mais conhecidos.

**1: Certo.** Na reescrita feita, a mudança na ordem das frases não alterou o sentido original, tampouco a troca de “procura” por “busca”, que são sinônimos contextuais, ou a colocação da vírgula (opcional) antes de “para”; **2: Certo.** As modificações vocabulares feitas são perfeitamente cabíveis no contexto. “Taciturno” é sinônimo dicionarizado de “melancólico”, e “reiterar” de “repetir”; **3: Errado.** Os deslocamentos dos termos aqui acarretam mudança de sentido. O advérbio “gradativamente” pode ser substituído por “gradualmente”, mas seu deslocamento o fez deixar de modificar o verbo “exercer”, como no original, e o transformou em um modificador do adjetivo “irresistível”. Na mesma linha, no original, são *os contrastes* que são “variados”, mas, na reescrita, o adjetivo passou a modificar o substantivo Brasil (“Brasil tão variado”), acarretando prejuízo para o entendimento da informação original. Por fim, “a síntese da psicologia e da cultura” passou a funcionar como um aposto de “Brasil tão variado”, além de “psicologia” e “cultura” passarem a exercer função de substantivos definidos, por conta da presença do artigo, e não mais adjetivos caracterizadores de “síntese”, como no original; **4: Errado.** No original, o que “é preciso não esquecer” são “algumas *plaquettes* ilustradas...”; na reescrita, uma oração substantiva passou a ser sujeito do verbo: não esquecer “que os colecionadores disputam...”, o que ocasionou mudança de referente e prejudicou o sentido original.

Gabrielito 1C, 2C, 3E, 4E

- 1 O índio não teve muita sorte na literatura brasileira, Depois do Romantismo .Enquanto nas letras hispano-americanas viceja um esplêndido indigenismo pelo
- 4 século XX adentro, com tantos e tão importantes criadores dedicando-se a transpor o índio para a ficção, no Brasil se podem contar nos dedos das mãos os casos.
- 7 Torna a trazer o assunto à baila o aparecimento e grande vendagem de Maíra, romance de Darcy Ribeiro. O renomado antropólogo já tinha em seu acervo de realizações
- 10 uma respeitável brasileira, incluindo vários trabalhos sobre os índios, um dos quais, a história de Uirá, fora transformado em filme no início da década de 70. Maíra é, portanto, a primeira
- 13 incursão do autor pelo épico, a menos que se considere a história de Uirá como uma primeira aproximação ao gênero. O relato, como o filme, dá conta do trágico percurso
- 16 de Uirá, da tribo Urubu-Kaapor, no Maranhão deste século, o qual um dia fica ñaron quando, após muitas desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação,

- 19 epidemias, perseguições, perde também um dos filhos.  
A palavra tupi ñaron designa um estado de fúria  
sagrada, associado ao sofrimento excessivo, não deixando de
- 22 lembrar as famosas fúrias dos heróis gregos: Hércules, uma vez  
acometido por um desses acessos, enviado pela vingativa Hera,  
matou, sem o saber, seus três filhos e esposa, tal como vem
- 25 narrado na tragédia Hércules Furioso, de Eurípedes.  
Nas Bacantes, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do  
desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas.
- 28 E talvez o mais formidável exemplo seja o da cólera de  
Aquiles, que dá nascimento à inteira composição da Ilíada,  
desencadeada por sua recusa a continuar lutando. Devido à
- 31 recusa de Aquiles, quase foi perdida a guerra de Troia e, não  
fosse sua fúria, o poema não teria sido composto.  
Em meio ao furacão histórico da fase do capitalismo
- 34 selvagem no país, quando o acirramento da acumulação leva  
multinacionais e suas cabeças-de-ponte nacionais a  
apropriar-se dos mais recônditos confins com vistas ao lucro,
- 37 encontram-se, estonteados, os índios. O único problema dos  
Mairum — nome inventado, tribo arquetípica de todas as  
tribos, povo de Maíra — é como sobreviver e como fazer sua
- 40 cultura sobreviver, com crescente dificuldade.  
O romance inteiro soa como uma lamentação, um  
carpir sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis.
- 43 Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma  
espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de  
ver o mundo, de como compreende e interpreta seus hábitos e
- 46 tradições; e, o que é mais importante, franqueia para o leitor  
seu tremendo desejo de sobrevivência e alegria de viver.  
A produção e publicação de um romance como esse,
- 49 agora, mostra como o índio está mais vivo do que nunca em  
sua conexão com a literatura brasileira. Tampouco deve ser  
uma coincidência que, neste exato momento, outras ficções,
- 52 filmes, romances, peças de teatro, novelas de televisão,  
canções, estejam sendo feitos, todos sobre os índios, todos  
lutando em defesa de sua preservação para a História. Quando
- 55 há tanta desconfiança em relação à pulsão destrutiva da  
civilização ocidental e entre nós é tão escandaloso o  
capitalismo selvagem, isso pode vir a significar alguma coisa.
- 58 Talvez uma postura mais cautelosa e menos arrogante, de  
quem está aprendendo a perceber que outras civilizações  
encontraram saídas melhores e, sobretudo, não suicidas para
- 61 males que hoje parecem irremediáveis, como o problema do  
poder, da proliferação e potenciação dos armamentos, da  
destruição da natureza, do Estado e de seu aparelho, da
- 64 igualdade nunca encontrada. A alegoria da moça branca morta  
ao parir mestiços mortos poderá significar também o caráter  
heteroletal e autoletal da etnia branca? Pode ser que a
- 67 importância da civilização indígena esteja, final e  
penosamente, penetrando na consciência do corpo social  
brasileiro.

(Diplomacia – 2016 – CESPE) Com relação às ideias desenvolvidas no texto II, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

- (1) Ao afirmar que o “índio não teve muita sorte na literatura brasileira” (l. 1), a autora indica que a representação literária dos personagens indígenas em romances brasileiros foi marcada pela presença do *inãron*, “estado de fúria sagrada, associado ao sofrimento excessivo” (l. 20 e 21).
- (2) A autora considera que o romance *Maíra* é uma incursão do romancista e antropólogo Darcy Ribeiro pelo épico e opina que um “narrador coletivo índio” (l. 44) é responsável pelos melhores trechos da mencionada obra literária.
- (3) Conforme o texto, *inãron* é palavra tupi que não é apropriada para denotar o sofrimento de todas as tribos indígenas, mas poderia denotar os sentimentos de fúria de heróis gregos como *Agave* e *Aquiles*.
- (4) Ao comparar a representação do índio na literatura brasileira com a do índio na literatura hispano-americana, a autora conclui que romances com percepção antropológica costumam ser mais raros e tendem a incursionar pelo épico.

**1: Errado.** Quando Walnice Nogueira Galvão afirma que “o índio não teve muita sorte na literatura brasileira”, refere-se à pouca representatividade que o indigenismo obteve na literatura brasileira do século XX. Por sua vez, o termo *inãron* é apresentado no texto como a nomeação tupi usada para qualificar um estado de fúria e diz respeito a um personagem específico, Uirá, e não a todos os personagens indígenas – muito menos à frase de abertura do texto. Foi feita uma confusão entre os elementos da ficção apresentada e a crítica estabelecida pela autora; **2: Certo.** Todas as informações estão presentes no texto. Walnice afirma na l. 13 que “*Maíra* (...) é a primeira incursão do autor [Darcy Ribeiro] pelo épico ...”; e na l. 43, sobre o narrador: “Seus trechos mais bem realizados são aqueles nos quais uma espécie de narrador coletivo índio dá conta de sua maneira de ver o mundo ...”; **3: Errado.** Como visto no item 1 da mesma questão, o termo *inãron* é apresentado no texto como a nomeação tupi usada para qualificar um estado de fúria. Tampouco há qualquer oposição afirmada no texto entre o sofrimento indianista e o grego: a autora, ao contrário, apresenta uma aproximação entre este estado de fúria do *inãron* e as fúrias dos heróis gregos (l. 22); **4: Errado.** A conclusão posta na questão, sobre romances antropológicos – e de forma generalizada –, não existe no texto de Walnice. A comparação entre a representação do índio na literatura brasileira e hispano-americana tem o fito apenas de afirmar a pouca representatividade que o índio obteve na literatura brasileira do século XX, em comparação com os países vizinhos. A derivação para a *antropologia* e o épico, no texto, dá-se na apresentação de *Maíra*, de Darcy Ribeiro – um dos poucos romances com essa temática.

Gabário TE, ZC, 3E, 4E

(Diplomacia – 2016 – CESPE) Julgue (C ou E) os itens seguintes, relacionados às ideias desenvolvidas no texto.

- (1) Ao citar exemplos da literatura grega antiga, Walnice Nogueira Galvão indica que a organização tribal é capaz de gerar conflitos e tensões que transcendem o Brasil ou o espaço hispano-americano.
- (2) Com o trecho “encontram-se, estonteados, os índios” (R.37), a autora do texto evidencia o confronto entre o “capitalismo selvagem no país” (R. 33 e 34) e a cultura indígena.
- (3) Tanto o romance *Maíra* quanto o relato de Uirá exibem enredos marcados pelas dificuldades enfrentadas por tribos indígenas, atingidas por flagelos trazidos pela civilização não indígena.

- (4) Ao afirmar que “o índio está mais vivo do que nunca em sua conexão com a literatura” (R. 49 e 50), a autora defende que romances como *Maíra* têm o mérito de salvar tribos e civilizações indígenas das forças destrutivas que predominam nas sociedades.

**1: Errado.** A autora, em nenhum momento, afirma que os conflitos provenham da organização tribal, muito menos hierarquiza povos conforme as tensões destes. Os exemplos citados da literatura grega são usados para aproximar, na tragédia, a fúria grega da indígena (conforme visto também na questão anterior), quando ambos os personagens apresentam um sofrimento excessivo em decorrência de conflitos ou tensões inesperadas. A questão, portanto, estabelece relações inexistentes no original; **2: Certo,** a afirmação é clara no texto. A locução prepositiva “Em meio a” (l. 33), no início do período, evidencia que o impasse se dá *entre* “o furacão histórico do capitalismo selvagem” e a sobrevivência dos índios; **3: Certo.** Os dois romances exploram o contexto da sobrevivência indígena no século XX, diante da cultura do capital, ideia justificada no texto. O relato de Uirá traz “as desgraças comuns ao destino dos índios brasileiros, como fome, espoliação, epidemias, perseguições...” (l. 18-19) e, sobre *Maíra*, “o romance inteiro soa como uma lamentação, um carpim sobre o fim de uma civilização das mais admiráveis.” (l. 41); **4: Errado.** Se um romance tivesse o mérito de salvar tribos, muitos antropólogos e ativistas cursariam oficinas literárias. O que Walnice N. Galvão afirma com a frase destacada, e também na conclusão do mesmo parágrafo (l. 66-69), é que o índio tem – e alerta que deveria haver mais consciência da representatividade deste – um lugar importante na literatura nacional.

Gabário TE, ZC, 3C, 4E

(Diplomacia – 2016 – CESPE) Acerca das relações semântico-sintáticas e do vocabulário do texto II, julgue (C ou E) os itens seguintes.

- (1) Na oração que inicia o segundo parágrafo, o verbo concorda com o primeiro núcleo do sujeito posposto, concordância verbal abonada pela gramática normativa.
- (2) Mantendo-se a correção gramatical do texto, o segmento “fora transformado em filme” (l. 11 e 12) poderia ser reescrito da seguinte forma: foi transposto para o cinema.
- (3) Os termos “trágico” (l. 15), “de Uirá” (l. 16) e “deste século” (l. 16) exercem a mesma função sintática, na oração em que ocorrem.
- (4) Sem prejuízo da correção gramatical e do sentido do texto, a expressão “contar nos dedos das mãos” (l. 6) poderia ser substituída por contar pelos dedos.

**1: Certo.** Quando os núcleos de um sujeito composto estão pospostos ao verbo, a gramática normativa válida (ou abona) que é *opcional* este concordar com o primeiro núcleo, concordância chamada de atrativa, ou com os dois, chamada de gramatical. Na oração “Torna a trazer o assunto à baila o *aparecimento e grande vendagem*...”, optou-se pela concordância atrativa, ao concordar no singular o verbo com o primeiro núcleo do sujeito, “aparecimento”; **2: Certo.** A dúvida maior aqui seria sobre a mudança de tempo verbal do pretérito mais que perfeito (“fora transformado”) para o pretérito perfeito (“foi transformado”), uma vez que as alterações vocabulares mantêm a similaridade contextual. A mudança é correta e justificada gramaticalmente, devido à presença do adjunto adverbial no período, “no início da década de 70”, delimitador de tempo. Uma vez já definida a circunstância (de tempo, lugar...) por um adjunto adverbial, a função já está cumprida, e o tempo verbal admite variação (aprendemos isso com o uso do presente histórico, por exemplo); **3: Certo.** Os três termos exercem a função de adjunto adnominal, uma vez que acompanham nomes (daí *ad-nominal*) no período: trágico *percurso* de Uirá; *Maranhão* deste século (particularizando

Maranhão). Importante lembrar que o adjunto adnominal “é o termo de valor adjetivo que serve para especificar ou delimitar o significado de um substantivo, *qualquer que seja a função deste*” (grifos meus) – Celso Cunha e Lindley Cintra, no capítulo de Adjunto Adnominal da *Nova Gramática do Português Contemporâneo*; **4: Errado**. As diferentes preposições podem denotar o mesmo valor de *meio*: contar algo *nos/pelos* dedos das mãos, isto é, *o modo* como contei algo, como calculei, foi usando os dedos das mãos. O que acarretou mudança de sentido foi a retirada de “das mãos” na substituição sugerida. Na frase inicial, contam-se os casos *nos dedos das mãos*, ou seja, a quantidade de romances com a temática indigenista no século XX é tão pequena que não passa de uma dezena, quantidade total de dedos presentes nas mãos. Já na frase criada, “as mãos” não aparecem como um limitador numérico: *contam-se os casos pelos dedos*, ou seja, enfatiza-se apenas a maneira de contar, não a quantidade final. A troca acarreta, portanto, prejuízo ao sentido original.

Gabarito 1.C, 2.C, 3.C, 4.E

**(Diplomacia – 2016 – CESPE)** Considerando as relações semântico-sintáticas estabelecidas no texto II, julgue (C ou E) os itens a seguir.

- (1) As relações semântico-sintáticas no período “Nas Bacantes, do mesmo autor, Agave, fora de si, participa do desmembramento de seu filho adulto, Penteu, rei de Tebas” (l. 26 e 27) sustentam a inferência de que Agave tinha mais de um filho e apenas um deles era adulto.
- (2) O trecho “viceja um esplêndido indigenismo” (l. 3) indica que, para a autora, prosperou na literatura hispano-americana, durante todo o século XX, a imagem do índio como herói, como bom selvagem, ou seja, como elemento diferenciador da identidade de nações sul-americanas.
- (3) A oração reduzida iniciada pelo gerúndio “incluindo” (l. 10) poderia ser corretamente substituída pela seguinte oração desenvolvida: no qual se inclui vários trabalhos sobre os índios.
- (4) Infere-se do texto que, na tribo Urubu-Kaapor, a fúria sagrada se manifesta sempre que um parente, em

especial, um filho, morre, o que, por consequência, demonstra que os índios dessa tribo valorizam os laços familiares e não aceitam a impermanência da existência humana.

**1: Certo**. A ausência do artigo definido antes do substantivo mostra que este não é o filho, único, mas que Agave tinha outros filhos; já o adjetivo “adulto” *especifica* (observe que não há vírgulas entre o nome e o adjetivo) o substantivo “filho”, o que sugere que, desses outros filhos, apenas *um* era adulto. A presença das vírgulas em “Penteu”, por sua vez, evidencia que o aposto não está sendo usado para *especificar* a expressão “seu filho adulto”, como se outros houvesse, mas, sim, a título de *explicação* do nome *desse* filho adulto. Sempre importante estudar como a presença ou não de vírgulas (e artigos) acarretam diferentes leituras de sentido; **2: Errado**, uma vez que, sim, “viceja um esplêndido indigenismo” no século XX, mas sabemos que a imagem do índio como “bom selvagem” é do Romantismo, isto é, século XIX, e esta imagem sequer é citada pela autora no trecho apresentado. Por sua vez, apresentar essa imagem como elemento diferenciador das identidades nacionais sul-americanas não pode ser verdadeiro, dado que o pressuposto é falso. Walnice, no período em questão, introduz o pouco destaque que o índio apresenta na literatura *brasileira* do século XX, em comparação com as demais literaturas sul-americanas; **3: Errado**. A substituição é falha, pois não é feito o devido ajuste na concordância verbal: *incluem*. Na nova formulação, “vários trabalhos” passaria a ser o sujeito do verbo, em razão da inserção do pronome passivador “se”. Se é uma passiva, tem sujeito, e o verbo deve concordar com este; **4: Errado**. É preciso atentar para a expressão “sempre que” ou demais expressões generalizadoras na formulação das questões, além das relações lógicas estabelecidas de forma falaciosa, como pelo uso de “por consequência”. No texto, a “fúria sagrada” não está *sempre* vinculada a uma causa específica, restrita, como a morte de um parente (ainda que também possa decorrer disso), mas sim a um estado decorrente de *um* sofrimento excessivo (conforme visto também nas questões anteriores sobre o termo *ñarón*). “Por consequência”, a consequência apresentada é também uma extrapolação (a ideia de os índios não aceitarem a impermanência), pois o pressuposto dado não se sustenta.

Gabarito 1.C, 2.E, 3.E, 4.E

- 1 Pergunto: e agora? Como é que meu Padrinho foi degolado num quarto de pesadas paredes sem janelas, cuja porta fora trancada, por dentro, por ele mesmo? Como foi que os assassinos ali penetraram, sem ter por onde? Como foi que saíram, deixando o quarto trancado por dentro? Quem foram esses assassinos? Como foi que raptaram Sinésio, aquele rapaz aluminoso, que concentrava em si as esperanças dos Sertanejos por um Reino de glória, de justiça, de beleza e de grandeza para todos? Bem, não posso avançar nada, porque aí é que está o nó! Este é o “centro de enigma e sangue” da minha história. Lembro que o genial poeta Nicolau Fagundes Varela adverte todos nós, Brasileiros, de que “os irônicos estrangeiros” vivem sempre vigilantes, sempre à espreita do menor deslize nosso para, então, “ridicularizar o pátrio pensamento”: Fatal destino o dos brasílios Mestres!
- 16 Fatal destino o dos brasílios Vates! Política nefanda, horrenda e negra, pestilento Bulcão abafa e mata
- 19 quanto, aos olhos de irônico estrangeiro,

podia honrar o pátrio pensamento!  
Ora, um dos argumentos que os “irônicos  
22 estrangeiros” mais invocam para isso é dizer que nós,  
Brasileiros, somos incapazes de forjar uma verdadeira trança,  
uma intrincada teia, um insolúvel enredo de “romance de crime  
25 e sangue”. Dizem eles que não é necessário nem um adulto  
dotado de argúcia especial: qualquer adolescente estrangeiro  
é capaz de decifrar os enigmas brasileiros, os quais, tecidos por  
28 um Povo superficial, à luz de um Sol por demais luminoso, são  
pouco sombrios, pouco maldosos e subterrâneos, transparentes  
ao primeiro exame, fáclimos de desenredar.  
31 Ah, e se fossem somente os estrangeiros, ainda ia  
mas até o excelso Gênio brasileiro Tobias Barreto, aí é demais!  
Diz Tobias Barreto que, no Brasil, é impossível aparecer um  
34 “romance de gênio”, porque “a nossa vida pública e particular  
não é bastante fértil de peripécias e lances romanescos”.  
Lamenta que seja raro, entre nós, “um amor sincero, delirante,  
37 terrível e sanguinário”, ou que, quando apareça, seja num  
velho como o Desembargador Pontes Visgueiro, o célebre  
assassino alagoano do Segundo Império. E comenta, ácido:  
40 “Um ou outro crime, mesmo, que porventura erga a cabeça  
acima do nível da vulgaridade, são coisas que não desmancham  
a impressão geral da monotonia contínua. Até na estatística  
43 criminal o nosso país revela-se mesquinho. O delito mais  
comum é justamente o mais frívolo e estúpido: o furto de  
cavalos”  
46 A gente lê uma coisa dessas e fica até desanimado,  
julgando ser impossível a um Brasileiro ultrapassar Homero e  
outros conceituados gênios estrangeiros! A sorte é que, na  
49 mesma hora, o Doutor Samuel nos lembra que a conquista da  
América Latina “foi uma Epopéia”. Vemos que somos muito  
maiores do que a Grécia — aquela porqueira de terra! — e  
52 aí descansamos o pobre coração, amargurado pelas injustiças,  
mas também incendiado de esperanças! Sim, nobres Senhores  
e belas Damas: porque eu, Dom Pedro Quaderna (Quaderna,  
55 O Astrólogo, Quaderna, O Decifrador, como tantas vezes fui  
chamado); eu, Poeta-guerreiro e soberano de um Reino cujos  
súditos são, quase todos, cavalarianos, trocadores e ladrões de  
58 cavalo, desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro,  
primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta, terrível,  
cruel e delirante do que a minha; e, depois, a decifrar, antes  
61 que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha  
história, isto é, a degola do meu Padrinho e a “desaparição  
profética” de seu filho Sinésio, O Alumioso, esperança e  
64 bandeira do Reino Sertanejo.

Ariano Suassuna. A pedra do reino. Rio de Janeiro: José Olympio, 1972, 3.<sup>a</sup> ed., p. 27-30 (com adaptações).

(Diplomacia – 2016 – CESPE) Com relação às ideias desenvolvidas no texto III, julgue (C ou E) os próximos itens.

- (1) O narrador do texto apresenta um “insolúvel enredo de ‘romance de crime e sangue’” (l. 24 e 25), a partir de um episódio familiar, constituído pela degola do seu padrinho e pelo rapto de Sinésio.
- (2) O narrador classifica Tobias Barreto de “excelso Gênio brasileiro” (l. 32) por este haver escrito um romance que não expressou a índole de um povo superficial, uma vez que a narrativa se revelou enigmática e sangrenta.
- (3) Para o narrador, a formação territorial do Brasil foi um ato de bravura que poderia fazer os brasileiros ultrapassarem os feitos narrados por Homero.
- (4) Conforme o narrador, brasileiros como Nicolau Fagundes Varela e Tobias Barreto escreveram contra os brasileiros, incapazes, para ambos, de decifrar os enigmas do país e de fazer aparecer um romance de gênio.

**1: Certo.** O escrito resume sem equívocos o enredo do romance, o enigma em torno do episódio familiar, apresentado no primeiro parágrafo do texto pelo narrador-personagem Dom Pedro Quaderna e retomado de maneira concisa na l. 61, em “... a decifrar (...) o centro enigmático de crime e sangue da minha história, isto é, a degola do meu Padrinho e a ‘desaparição profética’ de seu filho Sinésio (...)”; **2: Errado.** A causa da qualificação atribuída ao crítico (e, na narrativa, personagem) Tobias Barreto de “excelso Gênio brasileiro” não é apresentada no trecho destacado (“excelso *por causa disso*”), daí, qualquer razão para tal justificativa, mencionada na questão, será falsa. A narrativa sequer coloca Tobias Barreto como autor de romance – mesmo porque, a título de explicação, já que a narrativa de vale de figuras verídicas ilustres, a produção literária de Barreto foi em poesia; ele tem mais destaque como filósofo e crítico –, e a questão faz uma confusão entre o enredo apresentado n’A pedra do reino, de Suassuna, e um hipotético romance de Barreto; **3: Errado.** Em primeiro lugar, a narrativa não menciona a “formação territorial do Brasil”, mas a “conquista da América Latina” (l. 49). Em qualquer questão, é preciso atentar para não fazer sinonímia entre parte e todo, como aqui entre Brasil e América Latina. Em segundo, a discussão a respeito dos “Brasileiros”, no romance em letra maiúscula, como personagem-algoria, se dá em torno da capacidade de criação literária destes, como autores de um enigma memorável, não sobre “os brasileiros”, minúsculos, como povo, e seus “feitos” reais; **4: Errado.** Nicolau Fagundes Varela não se encaixa como autor da crítica a respeito da incapacidade dos escritores nacionais. Tobias Barreto faz essa crítica, no trecho das l. 33 a 45, mas Varela adverte apenas para a vigilância que os “irônicos estrangeiros” (l. 12) fazem quanto a isso.

(Diplomacia – 2016 – CESPE) Julgue (C ou E) os itens subsequentes, relativos às ideias desenvolvidas no texto.

- (1) Em “E comenta, ácido” (l. 39), a palavra “ácido” foi empregada, com ironia, para ridicularizar o Desembargador Pontes Visgueiro, criminoso de Alagoas.
- (2) Além de revelar sua identidade e algumas de suas alcunhas, o narrador do texto declara-se apto a, com sua história, superar os irônicos, sejam eles estrangeiros ou não.
- (3) O trecho “Até na estatística criminal o nosso país revela-se mesquinho” (l. 42 e 43), atribuído pelo narrador a Tobias Barreto, indica que os ‘irônicos estrangeiros’ ridicularizam a pouca capacidade dos brasileiros de conhecerem a realidade em que vivem.
- (4) Em “somos incapazes de forjar uma verdadeira trança, uma intrincada teia” (l. 23 e 24), a palavra “trança” foi empregada no sentido de trama.

**1: Errado.** A palavra “ácido” (l. 39) foi usada para *qualificar* o discurso de Tobias Barreto, não para ridicularizar o Desembargador Pontes Visgueiro, citado como um dos poucos assassinos (desqualificado, sim, mas pela expressão “um velho”, em oposição à ideia de vigoroso) que houve na época do Império. Barreto é tido como mordaz a respeito de suas críticas quanto à nossa infertilidade literária para os romances de intriga e suspense; **2: Certo.** Na narrativa, *irônico* é apresentado como uma categoria, por meio do adjetivo substantivado, “os irônicos estrangeiros” (l. 12, 21), daí a ideia de terem uma identidade. O narrador Quaderna declara-se apto a superá-los no trecho “desafio qualquer irônico, estrangeiro ou Brasileiro, primeiro a narrar uma história de amor mais sangrenta (...) do que a minha; e depois, a decifrar, antes que eu o faça, o centro enigmático de crime e sangue da minha história (...)” (l. 58-62). Os “irônicos” seriam esses sujeitos (estrangeiros ou brasileiros, como Tobias Barreto) que desqualificam a capacidade criativa nacional, motivo pelo qual o narrador os desafia; **3: Errado.** Não é a falta de conhecimento da própria realidade que é ridicularizada no trecho, mas a monotonia do cotidiano da época do Império, ilustrada pela baixa “estatística criminal”. Segundo o citado por Tobias Barreto na narrativa, uma boa história adviria também de uma realidade criativa (l. 34-35). Nesse sentido, é como se a monotonia do cotidiano gerasse também uma monotonia literária, não que os brasileiros desconhecem sua realidade; **4: Certo.** No Houaiss, o sentido conotado de *trança* é trama, enredo: “trama engendrada em segredo para realizar um mau designio, uma conspiração; intriga, enredo.” No texto, o aposto “uma intrincada teia” (l. 24) também reforça o sentido de trança-trama.

(Diplomacia – 2016 – CESPE) Com referência ao texto III, julgue (C ou E) os itens que se seguem.

- (1) Sem prejuízo da informação veiculada no relato e da correção gramatical do texto, a vírgula empregada logo após “janelas” (l. 2) poderia ser substituída pelo conector e.
- (2) No sintagma “os ‘irônicos estrangeiros’” (l. 21 e 22), o vocábulo ‘irônicos’ é o núcleo do sujeito, o que é confirmado pelo emprego de “irônico” em “desafio qualquer irônico” (l. 58).
- (3) No trecho “porque eu, Dom Pedro Quaderna” (l. 54), a conjunção “porque” é expressão de realce, empregada de modo expletivo, visto que não estabelece relação entre a oração que ela introduz e outra oração do período.
- (4) No excerto apresentado, são exemplos do uso da linguagem formal escrita: a construção com o pronome relativo “cujos” (R.56) e o emprego da forma verbal “faça” na oração “antes que eu o faça” (l. 60 e 61).

**1: Certo.** Importante lembrar que a conjunção coordenada não liga apenas orações (inclusive subordinadas), mas liga também termos. O pronome relativo *cujo*, que dá ideia de posse, uma vez que equivale a “de que, do qual”, inicia uma oração subordinada adjetiva, vinculada ao adjunto adverbial da oração principal, “num quarto de pesadas paredes”. Ainda que menos usual, a troca da vírgula pela conjunção não acarreta nenhum prejuízo gramatical ou de sentido ao texto: a porta continua sendo do *quarto de pesadas paredes sem janelas*, ficando, na reescrita: ...num quarto de pesadas paredes sem janelas e cuja (do qual a) porta fora trancada; **2: Certo.** Conforme visto na questão anterior, item 2, *irônico* aparece na narrativa como um adjetivo substantivado, “os irônicos”, devido à presença do artigo definido anteposto à palavra. Uma vez substantivado, o adjetivo tornou-se núcleo do sujeito (l. 21) e também aparece como objeto direto do verbo *desafiar*, na l. 58; **3: Certo.** Tudo que pode ser retirado sem qualquer prejuízo pra estrutura da frase é qualificado de *expletivo ou de realce*. Por não ser comum encontramos o termo *porque* nessa função, houve dúvidas na questão por parte dos candidatos. Entretanto, “*porque*” aqui não aparece de fato

como uma conjunção, uma vez que pode ser retirado e a estrutura da frase se sustenta sem alterações – o que corrobora a definição de partícula expletiva –, validando a questão e sua justificativa como corretas; **4: Certo**. Tanto o pronome relativo *cujos* quanto o uso da forma verbal no presente do subjuntivo, *faça*, são marcas da expressão escrita, que obedece à norma culta, não da expressão oral. Coloquialmente, é comum o uso do indicativo no lugar do subjuntivo (se eu “fazer”, em vez de “se eu fizer”) e o pronome relativo é comumente substituído por outras construções mais informais (“a menina cujo cabelo é bonito” torna-se “a menina que tem o cabelo bonito”).

Gabarito 1.C, 2.C, 3.C, 4.A

- 1 Em suas remotas origens helênicas, o termo “caráter” significou gravar. Empregavam-no, então, tanto para exprimir o sinete como a marca deixada na cera dócil. Essa dupla
- 4 significação ainda hoje é vernácula — se não corrente — em certas acepções. Na linguagem tipográfica, por exemplo, “caráter” tanto é o tipo da imprensa como o sinal ou a letra
- 7 gravada. Assim sendo, podemos dizer que o caráter de um homem não é somente o seu feitio moral, senão também a expressão e a impressão do indivíduo. Em arte, caráter será a
- 10 personalidade do autor, o aspecto aparente e profundo da obra e o efeito dela. Fixada assim a verdadeira acepção do termo, podemos afirmar que o mérito maior do poema do Sr. Menotti
- 13 del Picchia é “o caráter”. Poesia profundamente simples e pessoal, de inspiração larga e sadia, tem a força das obras bem concebidas e a beleza das coisas naturais. Poesia de corpos
- 16 simples, poderíamos dizer, pela sobriedade de linhas no sentimento, no pensamento e na expressão. Sente-se que o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor
- 19 caminho para atingir a esta.  
O segredo da arte é a naturalidade sem prejuízo da perfeição.
- 22 O Sr. Menotti del Picchia ainda não pôde naturalmente desvendar o segredo da arte. Se no buscar a expressão natural do seu lirismo alcançou a arte, não se
- 25 despojou ainda das incertezas dessa procura, de certa fraqueza de técnica. Defeitos são todos estes transitórios, quase necessários em quem apenas se inicia.
- 28 A essência do livro é excelente.  
Indica no autor uma personalidade inconfundível, que procura em si mesmo ou em torno de si os motivos de sua
- 31 estética. Nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual. Se o caráter do autor provém dessa
- 34 independência sem esforço, reside o da obra em sua originalidade natural; na conformidade com o meio, em uma perfeita radicação no solo pátrio, na simplicidade da
- 37 construção e nas perfeitas proporções do ímpeto poético.  
O próprio desconcerto, em pormenores do poema principal e de outras produções secundárias, concorre para a
- 40 individualidade desse esplêndido ensaio.  
O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem. Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com
- 43 tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem. São versos que lidos — ficam; gravam-se invencivelmente na memória, ora destacados, ora em bloco. A crítica, no julgar e

- 46 no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não  
é principalmente isso. E um dos mais seguros processos de  
intuição, no distinguir o valor das obras, é esse da permanência
- 49 das sensações.  
Os poemas do Sr. Menotti del Picchia deixam uma  
funda impressão de sua leitura: não pode haver melhor
- 52 demonstração do seu “caráter”. Quando essa impressão não se  
limitar aos leitores e aos críticos, e se estender à própria  
literatura nacional, terá a sua poesia atingido o grau supremo
- 55 que lhe auguro.  
Juca Mulato é um poema simples. Encerra uma lição  
profunda na singeleza do motivo e da intenção. É certo que a
- 58 evidência da beleza não pode ser em arte um critério  
axiomático. Quantas vezes a paciência é o melhor guia da  
emoção estética? A exegese das sinfonias de Beethoven, como
- 61 a dos dramas musicais de Wagner, aumenta a nossa  
receptividade para essa arte de titãs, se bem que a intuição  
íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis.
- 64 O poema do Sr. Menotti del Picchia tem  
a simplicidade e a frescura das criações espontâneas e  
necessárias, onde o esforço da composição permanece obscuro
- 67 como deve.  
Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica  
compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias
- 70 arbitrárias. Sendo o que é — um mal de amor impossível que  
leva a alma à desesperança, para se resignar depois e ressurgir  
consolada pela visão da terra amada, da felicidade atingível e
- 73 do sonho necessário —, comove pelo simples aspecto de suas  
linhas harmoniosas.  
A beleza maior do poema, que é também o seu
- 76 caráter, está na sua simplicidade radical. O poeta reprimiu  
voluntariamente as possíveis exuberâncias ou ambições de seu  
lirismo para ficar dentro do assunto que escolheu. Ganhou com
- 79 isso um grande poder virtual e marca mais do que se quisesse  
marcar: a acústica de uma construção humana nunca chega à  
acuidade de um eco natural.
- 82 Juca Mulato é a reconciliação do homem consigo  
mesmo, do brasileiro com sua terra, do bárbaro com seu  
isolamento. Reconciliação às vezes impossível, outras ilusória,
- 85 sempre necessária, raramente realizada. O consolo de Juca  
Mulato é a indicação do caminho a seguir.

Alceu Amoroso Lima. Um poeta. In: Estudos literários. Rio de Janeiro: Aguilar, 1966, p.133-5 (com adaptações).

(Diplomacia – 2016 – CESPE) Com relação às ideias desenvolvidas no texto IV, julgue (C ou E) os itens a seguir.

- (1) O autor do excerto afirma que a crítica precisa levar em conta a intuição no julgamento e na análise da obra de arte.
- (2) Na percepção do autor do texto, a simplicidade do poema Juca Mulato resulta da combinação entre a “obsessão do isolamento” (R.31) e os “modelos estranhos” (R.32) à criação literária.

(3) Alceu Amoroso Lima salienta a presença da tradição helênica no poema Juca Mulato, de Menotti del Picchia, marcante pela simplicidade, pela sobriedade e pelo caráter.

(4) Ao afirmar que Menotti del Picchia “procurou a naturalidade e não a arte” (R.18), o autor do texto indica que Juca Mulato é um “poema simples” (R.56), destituído de qualquer valor artístico.

**1: Certo.** A afirmação está explicitamente justificada pelo trecho da l. 45: “A crítica, no julgar e no decompor as obras, não pode desprezar a intuição, se não é principalmente isso.”; **2: Errado.** “a simplicidade do poema Juca Mulato não resulta de (...)”. Primeiro que no início do parágrafo da l. 29, Alceu Amoroso Lima não está discorrendo ainda sobre o poema Juca Mulato, mas apresentando elogiosamente o “caráter” do autor estudado, Menotti del Picchia. Segundo que o texto afirma que Picchia “nem se distingue pela obsessão do isolamento, nem se perde por modelos estranhos. Daí lhe vem a superioridade de caráter individual” (l. 31-33) – é o contrário do que afirma a questão, que traz como presente a *obsessão e os modelos estranhos*, postos, no texto, valorosamente como ausentes; **3: Errado.** O autor só menciona as “origens helênicas” para explicar a aceção remota do termo “caráter”, l. 1. Em nenhum momento, o poema é vinculado a elas; **4: Errado.** O texto de Amoroso Lima é uma exaltação de Juca Mulato e de seu autor, Menotti del Picchia, justamente pelo valor artístico atribuído à obra por meio da simplicidade. Em nenhuma parte do texto, a simplicidade é posta como desprovida de valor artístico. Ao contrário, na l. 18, é afirmado que “...o autor procurou a naturalidade e não a arte, que é o melhor caminho para atingir a esta”. Se a naturalidade foi o caminho para a arte, e marca de “caráter”, então ambas estão presentes e vinculadas.

Gabarito 1.C, 2.C, 3.E, 4.E

(Diplomacia – 2016 – CESPE) Com relação às ideias desenvolvidas no texto IV, julgue (C ou E) os seguintes itens.

- (1) O autor do excerto valoriza a simplicidade do poema Juca Mulato, comparando-a à das sinfonias de Beethoven e à dos dramas musicais de Wagner, o que faria aumentar a receptividade dessas obras.
- (2) Segundo Alceu Amoroso Lima, a “simplicidade radical” (R.76) de Juca Mulato, julgado comovente, não estimula a crítica a buscar nem “símbolos problemáticos” (R.69) nem “filosofias arbitrárias” (R. 69 e 70) na análise do poema.
- (3) Embora afirme que os versos de Juca Mulato “Não são versos agradáveis, suaves ou elegantes” (R.42), o autor do texto os considera marcantes.
- (4) A afirmação de que “O caráter desse livro se conserva pela ressonância que tem” (R. 41 e 42) indica que, para o crítico, os versos de Juca Mulato se perpetuam caso sejam lidos em voz alta ou declamados.

**1: Errado.** Amoroso Lima não traz a menção às sinfonias para comparar a *simplicidade* no poema de Menotti del Picchia e na música clássica. As sinfonias aparecem para apresentar a ideia de que a arte não se verifica apenas por critérios evidentes: muitas vezes, o estudo e a paciência funcionam como guias para a emoção estética. Essa é a ideia das linhas 59-63; **2: Certo.** O autor afirma na l. 68: “Para lhe realçar a beleza não se sente a crítica compelida a buscar símbolos problemáticos ou filosofias arbitrárias”. A questão cobra apenas o conhecimento do verbo “compelir”, que significa o mesmo que *impelido, forçado*; **3: Certo.** O autor afirma que “não são versos agradáveis, suaves ou elegantes, que com tanto agrado se leem quanto facilmente se esquecem” (l. 43). Ao contrário, são versos que ficam, “gravam-se invencivelmente na memória”, permanecem, logo, marcantes. Tanto esta questão quanto a anterior foram questões de mera paráfrase do texto; **4: Errado.** A ideia de “ressonância”, no texto, nada tem que ver com a condição (“caso sejam”) de ler algo em voz alta ou declamado. A ressonância aqui está associada à ideia de algo que ecoa, uma repercussão em uma frequência própria, conforme desenvolvido no parágrafo que se inicia na l. 41.

Gabarito 1.E, 2.C, 3.C, 4.E

(Diplomacia – 2016 – CESPE) Com relação às ideias e às estruturas linguísticas do texto IV, julgue (C ou E) os itens a seguir.

- (1) Seriam mantidos o sentido original e a correção gramatical do trecho “se bem que a intuição íntima e a explicação individual sejam imprescindíveis” (R. 62 e 63), caso a expressão “se bem que” e a forma verbal “sejam” fossem substituídas, respectivamente, pelo termo porquanto e pela forma verbal são.
- (2) A inserção de uma vírgula logo após “impossível”, em “um mal de amor impossível que leva a alma à desesperança” (R. 70 e 71), obrigaria à interpretação de que todo mal de amor impossível leva a alma a tal consequência.
- (3) No período “Ganhou com isso (...) um eco natural” (R. 78 a 81), o sinal de dois-pontos poderia ser substituído por um travessão, sem que o sentido do texto e sua correção gramatical fossem prejudicados.
- (4) O trecho “se não corrente” (R.4) poderia ser corretamente substituído por se não for corrente, preservando-se o sentido original do texto.

**1: Errado.** A locução conjuntiva “se bem que” tem valor concessivo, como “embora”. A conjunção “porquanto” apresenta valor causal, como “porque”. A substituição de uma pela outra preservaria a correção gramatical, uma vez que a questão indica a correta troca dos modos verbais, mas alteraria o sentido original; **2: Certo.** A inserção da vírgula antes do pronome relativo “que” transformaria a oração adjetiva restritiva (*apenas* aquele) do original em uma oração adjetiva explicativa (*todo* mal de amor). Sempre importante lembrar que a presença ou a ausência de vírgulas nas orações adjetivas acarreta alteração de interpretação da mesma frase; **3: Certo.** É possível substituir os dois pontos pelo travessão no período em questão, uma vez que ambos podem ser usados “para isolar palavras, expressões ou frases apositivas ou explicativas que se deseja salientar” (Adriano da Gama Kury, in: *Ortografia, Pontuação, Crase*, p. 78). Essa questão, aliás, é bastante recorrente em provas; **4: Certo.** O verbo “ser” anunciado em “... ainda hoje é vernácula” (l. 4) pode ser lido como elidido na expressão “se não corrente”. “Se não” significa “quando não, caso não” e recebe o verbo no subjuntivo.

Gabarito 1.E, 2.C, 3.C, 4.C

(Diplomacia – 2016 – CESPE) Julgue (C ou E) os itens seguintes, relativos a acentuação de palavras e a aspectos gramaticais do texto.

- (1) No trecho “É certo que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático” (R. 57 a 59), tanto o termo “certo” quanto o termo “axiomático” caracterizam, respectivamente, referentes que constituem sujeitos oracionais.
- (2) No texto, com a expressão “essa arte de titãs” (R.62), o autor faz referência à arte da música.
- (3) A forma “pôde” (R.22) poderia ser corretamente substituída por pode, visto que o seu tempo verbal é depreendido pelo contexto do parágrafo e que o acento nela empregado é opcional.
- (4) Os pronomes demonstrativos “isso” (R.47) e “esse” (R.48) retomam, respectivamente, o sentido de julgar e decompor as obras e o de processo.

**1: Errado.** A afirmação a respeito do adjetivo “axiomático” é verdadeira, pois este faz parte do sujeito oracional, constituindo-o: É certo [que a evidência da beleza não pode ser em arte um critério axiomático]. Contudo, “certo” é justamente o *predicativo* dessa oração substantiva:

“Isso é certo”. O sujeito oracional, portanto, é a oração substantiva, e o adjetivo “certo” não a constitui, uma vez que pertence ao predicado; **2: Certo.** A referência ao estudo das “sinfonias de Beethoven”, assim como ao “dos dramas musicais de Wagner” é imediatamente anterior, constituindo o único referente do pronome demonstrativo anafórico “essa”, em “essa arte de titãs” (l. 62). O adjetivo “titãs”, por sua vez, também está sendo usado pra ressaltar os compositores, conhecidos como pilares da música clássica ocidental; **3: Errado.** A troca de “pôde”, no pretérito perfeito, por “pode”, no presente, seria gramaticalmente

correta, como uso do verbo no presente histórico, dado o contexto. O problema é que o acento empregado não é opcional, tampouco poderia ser isso a justificar a troca dos tempos verbais; **4: Errado.** O pronome demonstrativo “isso” (l. 47) não retoma “no julgar e no decompor as obras”, mas, sim, “intuição”. No trecho, Amoroso Lima reforça o papel da intuição para avaliar as obras, leitura confirmada pela continuação do excerto. “Esse” (l. 48) retoma o sentido de “processo”; o referente do anafórico aqui estaria adequado.

Gabarrão 1E, 2C, 3E, 4E

1 A distinção entre espetáculo (manifestação legítima  
2 da cultura) e simulacro (entretenimento da indústria cultural)  
3 tornou-se corrente entre os analistas que se ancoram nos  
4 valores modernistas para a compreensão da pós-modernidade.  
5 Segundo eles, no campo da produção simbólica e da produção  
6 propriamente cultural, a pós-modernidade estaria se  
7 manifestando e se definindo pela proliferação abusiva e  
8 avassaladora de imagens eletrônicas, de simulacros, e mais e  
9 mais estaria privilegiando-os. A distinção entre espetáculo e  
10 simulacro é correta e deve ser acatada, pois ajuda a melhor  
11 compreender o universo simbólico e cultural dos nossos dias.  
12 Como quer Fredric Jameson em Pós-modernidade e  
13 sociedade de consumo, o campo da experiência do homem  
14 atual se circunscreve às paredes da caverna de Platão: o sujeito  
15 pós-moderno já não fita diretamente, com seus próprios olhos,  
16 o mundo real à procura do referente, da coisa em si, mas é  
17 forçado a buscar as suas imagens mentais do mundo nas  
18 paredes do seu confinamento. Para ele, permanece a concepção  
19 triádica que temos do signo (significante, significado e  
20 referente). No entanto, em lugar de se privilegiar o referente,  
21 como acontece nas teorias clássicas e modernistas do realismo,  
22 afirma-se a onipresença da imagem, isto é, da cadeia  
23 significante. A realidade (se não for abusivo o uso desse  
24 conceito neste contexto) se dá a ver mais e mais em  
25 representações de representações, como querem ainda os  
26 teóricos da pós-modernidade.  
27 A distinção entre espetáculo e simulacro é correta; no  
28 entanto, em mãos de teóricos modernos, traz em si uma  
29 estratégia de avaliação negativa da pós-modernidade, muitas  
30 vezes pouco discreta. Ela visa privilegiar o reino da  
31 experiência viva, in corpore, e desclassificar a experiência pela  
32 imagem, in absentia. Visa também classificar o espetáculo  
33 (que se dá em museus, salas de teatro, de concerto etc.) como  
34 forma autêntica de cultura e desclassificar o simulacro (que se  
35 dá sobretudo pelo cinema ou vídeo e pela televisão) como  
36 arremedo bastardo produzido pela indústria cultural. O  
37 primeiro leva à reflexão e o outro serve para matar o tempo.  
38 Visa ainda e finalmente a qualificar os meios de comunicação  
39 de massa como os principais responsáveis pelo aviltamento da  
40 vida pública. Para os idealizadores da distinção e defensores  
41 do espetáculo está em jogo preservar a todo custo, numa  
42 sociedade que se quer democrática, a possibilidade de uma  
43 opinião pública, e esta só pode se dar plena em uma crítica  
44 avassaladora dos meios de comunicação de massa, que  
45 divulgam à exaustão imagens e mais imagens simulacros —  
46 para o consumo indigesto das massas.  
47 Nos países avançados, o jogo entre espetáculo e  
48 simulacro, se não tem como vencedor o espetáculo, termina  
49 certamente pelo empate. Bibliotecas, museus, salas de teatro,  
50 de concerto, competem — e mais importante: convivem —,

51 com as salas de cinema, as locadoras de vídeo e a televisão.  
 52 Existe público pagante para o espetáculo caríssimo da  
 53 encenação de uma grande ópera em Berlim, Paris ou Nova  
 54 Iorque, e existe um grande público não privilegiado  
 55 (economicamente, geograficamente, culturalmente etc.) para a  
 56 retransmissão pela TV desse espetáculo ou de outros. Certos  
 57 “espetáculos” já nem existem como tal, já surgem como  
 58 simulacros, isto é, produzidos só para a transmissão eletrônica  
 59 No Brasil, a disputa entre espetáculo e simulacro,  
 60 entre modernidade cultural e sociedade de massa, já tem a sua  
 61 história. Começa e passa pela discussão em torno do consumo  
 62 extremamente restrito do produto literário — o livro — pelo  
 63 mercado brasileiro. Antonio Candido, em ensaio de 1973,  
 64 publicado em plena ditadura militar e em época de  
 65 alfabetização pelo Mobral, discutia a relação entre literatura e  
 66 subdesenvolvimento e chamava a atenção para o fato de que,  
 67 nos países latino-americanos, criava-se uma “condição  
 68 negativa prévia” para a fruição de obras literárias — essa  
 69 condição era o número restrito de alfabetizados. O escritor  
 70 moderno, da periferia subdesenvolvida, estava fadado a ser  
 71 “um produtor para minorias”, já que as grandes massas  
 72 estavam “mergulhadas numa etapa folclórica de comunicação  
 73 oral”. Entre parênteses, lembre-se de que, para os pensadores  
 74 do iluminismo, o acesso à obra de arte e a subsequente fruição  
 75 dela significavam um estágio superior no processo de  
 76 emancipação do indivíduo.

Silviano Santiago. Intensidades discursivas. In: O cosmopolitismo do pobre. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004, p. 125-7 (com adaptações).

**(Diplomacia – 2015 – CESPE)** Com relação às ideias desenvolvidas no texto anterior, julgue (C ou E) os itens subsequentes.

- (1) Infere-se do texto que uma das características marcantes da pós-modernidade é a valorização do referente, no contexto das representações do real.
- (2) Ao comentar a distinção entre espetáculo e simulacro, o autor demonstra, com base em analistas do tema, como a pós-modernidade se manifesta de modo evidente por meio de uma cultura de espetáculo a ser usufruída pela sociedade.
- (3) O Brasil, segundo o autor do texto, é um dos países que poderá resolver a oposição entre espetáculo e simulacro, uma vez que “já tem a sua história” (R. 60 e 61).
- (4) O autor do texto comenta que teóricos modernos da pós-modernidade valorizam a noção de simulacro. Esses mesmos teóricos passam a dirigir críticas à noção de espetáculo (que ocorre, por exemplo, em museus).

**1: Errado.** Uma das características que Silviano Santiago apresenta como marcante na pós-modernidade é a onipresença da imagem: “...em lugar de se privilegiar o referente, como acontece nas teorias clássicas e modernistas do realismo, afirma-se a onipresença da imagem, isto é, da cadeia significante.” (I. 20 - I. 23); **2: Errado.** Segundo Santiago, a pós-modernidade se manifesta justamente por meio do *simulacro*, não pela cultura do espetáculo. Esta se define pela “experiência viva” (I. 31), enquanto o simulacro está vinculado à cópia, representação, e à indústria cultural, portanto, às massas: “...(a opinião pública) só se pode dar plena em um crítica avassaladora dos meios de comunicação em massa, que divulgam à exaustão imagens e mais imagens simulacros – para o consumo indigesto das massas.” (I. 46); **3: Errado.** Foi feita uma paráfrase completamente equivocada do texto original. A afirmação

do texto é: “No Brasil, a disputa entre espetáculo e simulacro, entre modernidade cultural e sociedade de massa, já tem a sua história” (I. 59 - 61). Ou seja, é a *disputa* que tem uma história, enquanto “no Brasil” exerce apenas a função de adjunto adverbial da oração, não de sujeito. Tampouco é apresentada a ideia de “solução” dessa disputa, nem uma lista de países que possam fazê-lo; **4: Errado.** Santiago afirma que os teóricos modernos da pós-modernidade *desvalorizam* a noção de simulacro (I. 34), conforme visto no item 2 – a avaliação é crítica em relação à noção de simulacro, que serviria apenas para “matar o tempo” (I.37), em detrimento da reflexão. É feita, novamente nesse item, uma troca entre as noções de simulacro e espetáculo, a fim de confundir o candidato.

Gabrielio TE, ZE, CE, AE

**(Diplomacia – 2015 – CESPE)** Com relação aos sentidos e ao emprego de palavras e expressões no texto de Silviano Santiago, julgue (C ou E) os itens seguintes.

- (1) Dados os sentidos do texto e o sentido de onipresença, a expressão “a onipresença da imagem” (R.22) deve ser interpretada, no texto, como a presença da imagem em todos os lugares e dimensões.
- (2) As expressões latinas “in corpore” (R.31) e “in absentia” (R.32) são utilizadas, no texto, com sentido antitético.
- (3) A expressão “concepção triádica” (R. 18 e 19), extratextualmente, poderia também ser utilizada para representar a Santíssima Trindade, doutrina acolhida pela maioria das igrejas cristãs.
- (4) O verbo *circunscrever* foi empregado no primeiro período do segundo parágrafo com o sentido de originar, ser a causa de, derivar.

**1: Certo.** A questão cobra conhecimento de vocabulário. O radical *-oni*, conforme o dicionário **Houaiss**, significa “todo, todos; tudo; qualquer; de toda a espécie”. Assim, onipresença significa *presença em todos os lugares ou dimensões*, por inferência do contexto; **2: Certo.** O saber que esse item cobra é a respeito do sentido de “antitético”. Antitético é o adjetivo usado para marcar uma antítese, figura de linguagem pela qual se opõem duas palavras ou dois pensamentos. No texto, a expressão latina “*in corpore*”, que significa “em corpo material”, “em presença”, está como contrário de “*in absentia*”, que significa “em ausência”. O par *presença x ausência* marca opostos, portanto, é antitético; **3: Certo.** É preciso atentar para o advérbio “extratextualmente” nesta questão. O sentido da expressão “concepção triádica” não está no texto, ela apenas nomeia as três partes do signo. É perguntado se, por inferência, a expressão também poderia ser usado para referir a Santíssima Trindade, para *além do que* está no texto. Ora, se “triádico” significa justamente “relativo à tríade”, isto é, qualquer conjunto de três, conforme o **Houaiss**, não há por que a expressão não poder referir-se à Santíssima Trindade, dogma cristão que proclama a união de três seres distintos, Pai, Filho e Espírito Santo, em um só Deus; **4: Errado.** “Circunscrever” está sendo usado com o sentido de *limitar-se a, delimitar*, não originar. O **Houaiss**, aliás, não traz nenhuma acepção de “circunscrever” como original, derivar, ser a causa de.

Gabarrão TE, 2C, 3C, 4E

Em setembro de 1916, Fernando Pessoa pensava que o n.º 3 da revista Orpheu ainda poderia vir à luz. E, de fato, chega a entrar no prelo, imprimindo-se apenas algumas folhas. No sumário, como se depreende da carta a Cortes Rodrigues de 4 desse mês, deveriam figurar poemas ingleses do profeta do “supra-Camões” e “colaboração variada” do seu “velho e infeliz amigo Álvaro de Campos”. Vale a pena reparar nos adjetivos deploradores que o poeta junta, nessa data, ao nome do seu heterônimo dileto. Parece-me ser-nos lícito pensar que nesta altura já Álvaro de Campos dá indícios de “velhice” e “infelicidade”, ou seja, que Álvaro de Campos começa a despir a pele que lhe vestiram e, pelo menos como poeta, a tomar consciência de que a mistificação “sensacionista-futurista” lhe não assenta bem. Daí que ao Fernando Pessoa não de todo desenganado dos “ismos” e ao mesmo Álvaro de Campos doutrinário, o Álvaro de Campos poeta se lhes entremestre “velho” e “infeliz”.

Seja como for, o certo é que em setembro de 1916, Pessoa, que se tem por “reconstruído” nessa altura, parece decidido a “fazer uma grande alteração na (sua) vida” como confidência ao amigo micalense: “vou tirar o acento circunflexo do meu apelido”. Realmente, “Pessoa” aparecera sempre, até então, ortografado com acento circunflexo. Grande alteração na vida: “Pessoa” iria passar a ser ortografado sem esse inútil apêndice! Sempre à beira do paradoxo e da boutade, Fernando Pessoa não perde a ocasião de ir além de si mesmo — de se mistificar a si próprio. Era então o momento de tomar tão grave medida. Com efeito, tendo apenas publicado com o seu verdadeiro nome, a esta data, além das Impressões do Crepúsculo, uns versos mais, o fato de ir publicar agora na Orpheu dois poemas ingleses — “muito indecentes, e, portanto, impubescíveis em Inglaterra” — levava-o a achar melhor “desadaptar-se” de uma partícula que lhe prejudicava a projeção cosmopolita do nome.

Como a Orpheu 3 não chega, porém, a vir à luz, Fernando Pessoa sem circunflexo tem de esperar pela publicação

da revista Centauro, lançada em fins de 1916 (Outubro–Novembro–Dezembro), para aparecer, de fato, como autor dos Passos da Cruz.

Pormenor chistoso, boutade do incansável misticador Fernando Pessoa, esta “desadaptação” ao circunflexo corresponde, todavia, a qualquer coisa mais importante do que parece. O poeta de Gládio atinge por esta altura a sua maioridade poética.

João Gaspar Simões. Vida e obra de Fernando Pessoa. Lisboa: Livraria Bertrand, 1981, 5.ª edição, p. 393-4 (com adaptações).

**(Diplomacia – 2015 – CESPE)** A respeito das ideias desenvolvidas no texto acima, julgue (C ou E) os itens subsecutivos.

- (1) No texto, o autor informa que o abandono do acento circunflexo no sobrenome representou, para o poeta português, uma revolução estética considerável, que faria do autor de Passos da Cruz um escritor muito mais vanguardista do que antes.
- (2) Fernando Pessoa escreveu poemas que não poderiam jamais ser traduzidos para a língua inglesa, uma vez que na Inglaterra aqueles mesmos poemas seriam considerados muito indecentes.
- (3) Do texto, cujo autor afirma que Fernando Pessoa não conseguiu ver impressos os seus poemas no número 3 da revista Orpheu, mesmo porque aquela edição acabou não sendo publicada, não se pode inferir o motivo da não publicação da revista.
- (4) Segundo o autor do texto, durante todo o tempo em que utilizou o acento circunflexo no sobrenome, o poeta português estava sendo paradoxal e querendo provocar humor por conta daquele erro de acentuação.

**1: Errado.** Antes de tudo, há uma contradição conceitual no item afirmado. “Vanguardista” não é sinônimo de moderno; “vanguarda”, do francês *avant-garde*, inicialmente do vocábulo militar, referencia um movimento ou sujeitos que tomam a dianteira, pioneiros – e que, em semelhança com o termo militar, apresentam uma restrita duração. Nesse sentido, não seria possível a Fernando Pessoa ser mais “vanguardista” do que antes, uma vez que o Movimento Modernista já estava em curso, e a “dianteira” da vanguarda se dá apenas uma vez. O abandono do acento aparece vinculado no texto a um indicio da *maioridade* poética de Pessoa – novamente, não a um início, a uma irrupção, que é o que a vanguarda representa; **2: Errado.** A questão apresenta uma confusão entre intraduzível e impubescível. A ideia de poemas impubescíveis se dá por uma questão moral na Inglaterra (“indecentes, e, portanto, impubescíveis”), nada tem que ver com uma impossibilidade de *tradução* – mesmo porque os poemas já eram ingleses, seriam apenas publicados na revista portuguesa **Orpheu**. Intraduzível, se fosse o caso, diria de um limite formal, técnico, o que não é de forma alguma o afirmado no texto; **3: Certo.** Não é, de fato, afirmado no texto o motivo de a revista **Orpheu** não ser publicada (motivo este vinculado ao suicídio, em 1916, de um dos autores da revista, o poeta modernista Mário de Sá-Carneiro, uma vez que seu pai era o financiador da revista); **4: Errado.** Há dois problemas neste item. Primeiro que Fernando Pessoa não estava sendo paradoxal ou provocativo *enquanto* usava o acento, mas, justamente, é a partir da ação de *retirar* o acento de seu sobrenome que um novo efeito é esperado; segundo que em nenhum momento o acento circunflexo de seu sobrenome, para marcar o timbre fechado do “o”, poderia ser chamado de “erro” de acentuação.

Gabarrão TE, 2E, 3C, 4E